

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO IV - Nº 5
PIRACICABA - 2012

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano IV – nº. 5
Piracicaba – maio de 2012

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 – Piracicaba-SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A

13400-120 Piracicaba SP

E-mail: aaasantos@uol.com.br

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

Gustavo Jacques Dias Alvim

Ivana Maria França de Negri

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Samuel Pfromm Netto

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

IMPRESSÃO:

Equilíbrio Prints

Rua Alferes José Caetano, 621 – Centro
Piracicaba-SP

APRESENTAÇÃO

Vem a lume mais um número da nossa revista. A regularidade e o nível dessa publicação atestam a fecundidade e a operosidade da Academia Piracicabana de Letras. Dificuldades não faltam, mas com a graça de Deus e a boa vontade dos nossos companheiros, temos conseguido superá-las, levando para adiante a tocha acesa em 1972 – há precisamente 40 anos – pelo idealismo de João Chiarini.

O presente número é o primeiro que sai nesta nova gestão, após a eleição dos quadros dirigentes para o triênio 2012/2015. A diretoria foi quase integralmente reeleita, registrando-se apenas a entrada do Acadêmico Gustavo Jacques Dias Alvim, como vice-presidente, e do Acadêmico Gregório Marchiori Netto, como integrante do Conselho Fiscal. O Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, que constava inicialmente da chapa para ser reeleito como vice-presidente, solicitou não permanecer nessa função, mas prontificou-se a continuar atuando como diretor e editor da nossa revista, para a qual tem projetos de ampliação e melhoramentos.

Venho, em nome de todos os companheiros da nova Diretoria, agradecer a confiança em nós depositada pelos Acadêmicos que nos reelegeram, e pedir que continuem colaborando conosco neste esforço comum, em prol das Letras e da Cultura da nossa amada Cidade de Piracicaba.

Tenham todos muita inspiração e fecundidade literária!

Piracicaba, 31 de maio de 2012

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Presidente

ÍNDICE

Jubileu de Carvalho da Revolução Constitucionalista de 1932 (dossiê).....	7
Samuel Pfromm Netto – <i>Cultura e Academias Piracicabanas: raízes</i> (colaboração especial).....	13
Alexandre Sarkis Neder – <i>Tantas vezes</i>	17
André Bueno Oliveira – <i>Sonho de Violinista / Caridade / Prudência</i>	19
Antonio Carlos Fusatto – <i>Solidão branca / No Tanquã / Marina /</i> <i>Querer/ Tentativa / Verão</i>	21
Antonio Carlos Neder – <i>Medicina, realidade, problemas e soluções</i>	25
Armando Alexandre dos Santos – <i>O Arquipélago da Madeira:</i> <i>história, cultura e tradições</i>	29
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Zevers, o esquecido</i>	39
Carlos Moraes Júnior – <i>O passo à direita / O pára-quedista</i> <i>do desespero</i>	45
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Cantiga de adultos /</i> <i>De saudades e reencontros / A Biblioteca em todas as suas</i> <i>possibilidades e Eu, o Bibliófilo / Anatomia de Piracicaba</i>	49
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>A mutação das fadas /</i> <i>O tempo e o ponto / Caminhando e meditando</i>	53
Cezário de Campos Ferrari – <i>Toque mágico</i>	57
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Janelas que falam</i>	59
Elias Jorge – <i>Ninguém lamentará</i>	61
Elias Salum – <i>Indagações</i>	63
Evaldo Vicente – <i>“Pulverizar”, sim, Antonietta!</i>	67
Felisbino de Almeida Leme – <i>No vai e vem, Sapucaia também /</i> <i>Brilho Divino</i>	71
Geraldo Victorino de França – <i>Ameaças ao meio ambiente /</i> <i>A Ecologia e as plantas / Esclarecendo algumas dúvidas</i>	73

Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Declaração de amor aos livros</i>	79
Ivana Maria França de Negri – <i>Caderno de receitas</i>	83
João Baptista de Souza Negreiros Athayde – <i>De rimas e não rimas... e outros formatos mais</i>	85
João Umberto Nassif – <i>Mais histórias de Ariranha /</i> <i>Causos de Ariranha (II) / O General Caneta</i>	91
Leda Coletti – <i>Amor de Estação / Ciclos / Frieza</i>	95
Lino Vitti – <i>Um estranhável conselho / Despedida /</i> <i>Amo a luz / Cicatrizes</i>	99
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Amor na tarde</i>	103
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Idade</i>	105
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Poema de verão /</i> <i>Primavera 1 / Primavera 2 / Primavera 3</i>	107
Myria Machado Botelho – <i>A difícil tarefa de escrever</i>	109
Rosalv Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Acordem seus instrumentos / Não teça conjecturas</i> <i>antes do diálogo, pois o resultado pode ser desastroso</i>	113
Valdiza Maria Caprânico – <i>Laços de família e saudade</i>	117
Waldemar Romano – <i>Fatos e curiosidades de nossa Academia</i>	119
APL em ação – <i>Noticiário</i>	123

DOSSIÊ ESPECIAL**Jubileu de Carvalho da
Revolução Constitucionalista de 1932**

*Associando-nos às comemorações que
serão realizadas em nossa cidade e em todo
o Estado de São Paulo, no próximo Nove de
Julho, lembrando a gloriosa
Revolução Constitucionalista de 1932,
aqui publicamos algumas peças literárias
evocativas dessa epopeia:*

Oração ante a última trincheira**Guilherme de Almeida**

Agora é o silêncio...
É o silêncio que faz a última chamada...
É o silêncio que responde:
— “Presente!”

Depois será a grande asa tutelar de São Paulo,
asa que é dia, e noite, e sangue, e estrela, e mapa
descendo petrificada sobre um sono que é vigília.

E aqui ficareis, Heróis-Mártires, plantados,
firmes para sempre neste santificado torrão de
chão paulista.

Para receber-vos feriu-se ele da máxima
de entre as únicas feridas na terra,
que nunca se cicatrizam,
porque delas uma imensa coisa emerge
e se impõe que as eterniza.

Só para o alicerce, a lavra, a sepultura e a trincheira
se tem o direito de ferir a terra.

E mais legítima que a ferida do alicerce,
que se eterniza na casa
a dar teto para o amor, a família, a honra, a paz.

Mais legítima que a ferida da lavra,
que se eterniza na árvore
a dar lenho para o leito, a mesa, o cabo da enxada,
a coronha do fuzil.

Mais legítima que a ferida da sepultura,
que se eterniza no mármore,
a dar imagem para a saudade, o consolo, a bênção,
a inspiração.

Mais legítima que essas feridas
é a ferida da trincheira,
que se eterniza na Pátria,
a dar a pura razão de ser da casa, da árvore
e do mármore.

Este cavado trapo de terra,
corpo místico de São Paulo,
em que ora existis consubstanciados,
mais que corte de alicerce, sulco de lavra,
cova de sepultura,
é rasgão de trincheira.

E esta perene que povoais é a nossa última trincheira.

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que deu à terra o seu suor,
a que deu à terra a sua lágrima,
a que deu à terra o seu sangue!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que é nossa bandeira gravada no chão,
pelo branco do nosso Ideal,
pelo negro do nosso Luto,
pelo vermelho do nosso Coração.

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que atenta nos vigia,
a que invicta nos defende,
a que eterna nos glorifica!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que não transigiu,
a que não esqueceu,
a que não perdoou!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
aqui a vossa presença, que é relíquia,
transfigura e consagra num altar
para o voo até Deus da nossa fé!

E pois, ante este altar,
alma de joelhos a vós rogamos:

— Soldados santos de 32,
sem armas em vossos ombros, velai por nós!
sem balas na cartucheira, velai por nós!
sem pão em vosso bornal, velai por nós!
sem água em vosso cantil, velai por nós!
sem galões de ouro no braço, velai por nós!
sem medalhas sobre o cáqui, velai por nós!
sem mancha no pensamento, velai por nós!
sem medo no coração, velai por nós!
sem sangue já pelas veias, velai por nós!
sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós!
sem sopro mais entre os lábios, velai por nós!
sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós!
sem nada senão São Paulo, velai por nós!

Os jovens de 32**Paulo Bomfim**

Onde estais com vossos ponchos,
Os fuzis sem munição,
Os capacetes de aço,
Os trilhos do trem blindado,
O lema de vossas vidas
A saga de vossos passos,
Ó jovens de 32!

Em que ossário vossa audácia
Fala aos que dormem por fuga,
Em que campo vossa morte
Clama aos que morrem em vida,
Em que luta vosso luto
Amortalha os tempos novos
Ó jovens de 32!

Voltai daquelas trincheiras,
Voltai de vosso martírio,
Voltai com vossos ideais,
Voltai com os de Julho,
Voltai ao chão ocupado,
Voltai à causa esquecida,
Voltai à terra traída,
Voltai, apenas voltai,
Ó jovens de 32!

Canção de um menino piracicabano**Francisco de Castro Lagreca**

Este é o valor da terra estremecida,
É o poema à glória piracicabana!
Pela Pátria a lutar, vida por vida,
Tombaram com bravura soberana!

Dor e martírio de uma raça forte,
Que a luz e o ideal de um sentimento novo!
Sobre estas pedras não existe a morte,
Porque não morre quem defende um povo!

(Estes versos, que ornaram o monumento ao Soldado Constitucionista, na praça central de Piracicaba, foram escritos pelo poeta Francisco Lagreca aos treze anos de idade.)

A passageira clandestina

Guilherme de Almeida

Não há mulheres a bordo? Há. Viaja conosco uma passageira clandestina, de volta a Portugal, seu país de origem.

Vive toda e sempre escondida. Nem a oficialidade, nem o pessoal de bordo, nem os agentes de polícia que nos espiam, nem a escolta que nos... que nos inveja – ninguém, ninguém notou ainda a sua presença entre nós, na prisão flutuante.

E, no entanto, ela está por toda parte. E ela divide, a clandestina, por todos nós, o seu carinho santo, com a piedade generosa de uma irmã de caridade. Vai, de cabine em cabine, de mesa em mesa, de pensamento em pensamento. Senta-se no beliche, maternalmente, à cabeceira daquele que a insônia atormenta, e repete o gesto antigo que cobriu, como uma asa, o nosso berço; apoia-se, como uma cruz suavíssima, ao ombro daquele que, sentado num rolo de cordas da popa, finge olhar o crepúsculo exangue; debruça-se sobre o que escreve ou o que lê, e conduz a mão sobre o papel, ou volta as páginas do livro...

Quando ela veio de Portugal, era loira e leve: parecia a “velida” de Dom Diniz, a “ben talhada”, a “delgada”, a “muito alongada de gente”, bailando “solo verde ramo froldo”... Mas aqui, nos trópicos americanos, queimou-se de sol e amolentou-se no balanço das redes e das palmas.

E eis, agora, que regressa mais lânguida e mais humana à sua pátria...

Viaja conosco uma passageira clandestina de volta a Portugal, seu país de origem.

Ela é a SAUDADE.

(anotação feita pelo poeta em seu diário, no dia 5 de novembro de 1932, durante a travessia do Atlântico quando, juntamente com outros paulistas, estava rumando para o exílio a bordo do navio Siqueira Campos)

COLABORAÇÃO ESPECIAL

Cultura e Academias Piracicabanas: raízes

Samuel Pfromm Netto

Em 1988 Piracicaba pranteou o passamento de quatro notáveis intelectuais que marcaram substantivamente a história da cidade com seus escritos, empenhos e ações. Faleceram nesse ano Salvador de Toledo Piza Júnior, autêntico gigante da cultura, doutor *honoris causa* da Universidade de Berlim, escritor, professor e pesquisador emérito da ESALQ/USP; Benedicto Evangelista Costa, o professor Costinha, formado pela ESALQ e pela Sud e docente desta última por longo tempo, pintor e musicista dos mais talentosos; Affonso José Fioravante, igualmente formado pela Sud e pela Cristóvão Colombo, bacharel em direito no Rio de Janeiro, educador notável que exerceu altos cargos administrativos, com uma folha riquíssima de serviços relevantes prestados no Piracicabano e na área de ensino em geral. O quarto desaparecido, no início de dezembro, foi personagem das mais fulgurantes (e controversas) da inteligência noivacolinese na segunda metade do século passado: João Chiarini. Talento polímorfo, foi livreiro, escritor, jornalista, advogado, professor, autoridade das mais respeitadas entre os estudiosos do nosso folclore, político, agitador popular... A cidade deve-lhe uma biografia detalhada, bem fundamentada e inteligente, que analise tudo quanto este intelectual de sete instrumentos fez ao seu tempo e cujo acervo de milhares de livros, periódicos, folhetos e documentos foi confiado ao Centro Cultural Miss Martha Watts em 2006.

Loquaz, inquieto, controverso e corajoso, participe ativo em uma infinidade de movimentos e ações de caráter cultural desde meados do século vinte, Chiarini brilhava como poucos nas rodas da inteligência piracicabana, notadamente entre a gente moça, desde os anos 40. Incomodava muita gente pela franqueza e vasta cultura e gozava de merecida popularidade tanto em Pira como no país e no exterior. Seu largo círculo de amigos e correspondentes (com os quais trocava cartas facilmente identificáveis pelos envelopes com letras coloridas de imprensa, espécie de marca registrada de JC),

cabe-lhe com inteira justiça o título de talento fulgurante. Tinha uma memória incrível para fatos, datas, pessoas, lugares, acontecimentos. Uma enciclopédia viva.

A João Chiarini devem os piracicabanos a sua primeira e autêntica Academia: a Academia Piracicabana de Letras, de que foi fundador e presidente vitalício até seu falecimento. Criou igualmente o Centro de Folclore de Piracicaba (não sei se sobrevive), com um prestígio que cruzou oceanos e o torna conhecido e reconhecido como incontestada autoridade nesse domínio, até então marcado por improvisações, palpites sem fundamento e superficialidade. Há um não mais acabar de nomes que com ele privaram e corresponderam: Jorge Amado, o cineasta Alberto Cavalcanti, os Camargo Guarnieri, Sérgio Milliet, os Andrade (Mário, Oswald), Mário Neme e tantos, tantos outros.

De todos os galardões que enfeitam a biografia de Chiarini, certamente a mais notável são a idealização e a efetiva fundação da nossa primeira Academia de Letras, com essa denominação oficial, há quatro dezenas de anos. Foi a Academia *sui generis* porque, ao contrário das demais, que geralmente têm um quadro de titulares limitado de quarenta integrantes, a de Chiarini tinha um número ilimitado (!) de acadêmicos e admitia pessoas vivas como patronos. Virtude para uns, defeito para outros, essa característica singular, a Academia era invenção e obra de João Chiarini, que se desdobrava na presidência para garantir o funcionamento da entidade. Após estas quatro dezenas de anos, está na hora de exumar (que espero não tenha sido perdida) toda a documentação referente à Academia e contar em pormenores a sua história.

O pioneirismo de Chiarini em 1972 – há quarenta anos! –, na verdade, deu prosseguimento a uma história mais ou menos obscura de um bom punhado de iniciativas no âmbito cultural da Piracicaba de antanho. Iniciativas como a criação da Sociedade Propagadora da Instrução no século dezenove e o surgimento da Universidade Popular de Piracicaba em 25 de agosto de 1910. No precioso livrinho que imprimiu na Bélgica em 1910, M. S. Ferraz aponta a Universidade Popular como “instituição respeitável e utilíssima”, que desenvolvia um programa ambicioso de palestras e cursos sobre literatura e ciências, ensino de idiomas e saraus lítero-musicais de que participavam os mais expressivos nomes da vida cultural e artística da cidade (“Piracicaba e sua Escola

Agrícola”, 1912). Em 1925 surgiu a Sociedade de Cultura Artística, liderada por Fabiano Lozano e sob a presidência de Antônio dos Santos Veiga. Outros tempos... Em 1939 nasceu a Biblioteca Pública Municipal, que passou a agasalhar iniciativas, reuniões e eventos que marcaram o passado cultural piracicabano. Quando a sua sede passou a ser a área superior do Teatro Santo Estêvão, ali fundamos, com o apoio de Leandro Guerrini e a participação de um grupo de saudosos amigos e entusiastas, o Clube Piracicabano de Cinema, responsável por projeções de filmes, conferências, debates, cursos e outros eventos de caráter cultural, entre os quais palestras verdadeiramente inesquecíveis de Sérgio Milliet, Dulce Salles Cunha, Carlos Ortiz, Almeida Salles e muitos outros.

No início dos anos cinquenta, um grupo de moços unidos no entusiasmo por temas de literatura, arte e cultura em geral reunia-se na redação do “Jornal de Piracicaba”, à rua Moraes Barros, dando origem à página dominical “Literatura e Arte” no Jornal de Piracicaba, que coordenei juntamente com Oswaldo de Andrade.

Das iniciativas e realizações na Piracicaba dos anos sessenta, sob o patrocínio do Departamento de Cultura (com C maiúsculo) do município, fez parte o inesquecível Simpósio de Estudos Piracicabanos, realizado em novembro de 1967, com sessões sobre artes e literatura, folclore, lenda, história e genealogia, educação e ensino, geografia e geologia de Piracicaba, medicina e assistência social..., sendo criado nessa ocasião o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, sob a liderança de Archimedes Dutra, Jair de Toledo Veiga e Flávio Moraes Toledo Piza. Tempos saudosos...

Clubes, associações, instituições e atividades como as que são aqui mencionadas refletem inegavelmente, ao longo de mais de um século, o espírito Acadêmico-Cultural (com A e C maiúsculos!) que, num sentido lato, caracteriza as autênticas Academias, já que esta designação, nestes últimos tempos, passou a identificar entidades para práticas esportivas, escolas de samba e de capoeira e até academias de secos e molhados.

Bem haja, pois, a Academia Piracicabana de Letras que, nestes começos de novo milênio, recupera o sentido original da denominação e retoma em Piracicaba uma tradição caríssima e venerável cujas raízes estão solidamente fincadas no solo fecundo do Jardim de Academos, o solo da cultura clássica dos tempos de Platão e Aristóteles.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ALEXANDRE SARKIS NEDER
Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil

Tantas vezes

Minhas lágrimas
vão sair dos olhos,
cair sobre o rosto,
com alegria ou desgosto

Como tantas vezes,
em que a pele rompeu,
e o espírito desceu.
Tantas vezes.

Confesso,
que chorei mais pelas tristezas
do que pelas alegrias.

Como uma brisa quente,
fiz meu sol delirante,
não como um calmante,
mas como uma neve.
Neve que em pouco tempo se derrete.

(Extraído da obra *Reflexões Para Alterações*)

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Sonho de Violinista

Em silêncio chora meu violino,
mudo, triste e coberto de pó;
com saudade talvez de algum hino,
de uma valsa, bolero ou rondó.

Já não ouço seu “mi-la-ré-sol”
das quatro cordas quando afinadas;
nenhum bequadro, nenhum bemol,
em suas vozes desativadas.

Saber que sonhei ser Paganini,
– estando Vivaldi junto a mim –
ensaiando as obras de Puccini,
de Gounod, Rossini e Borodin.

Formamos nossa orquestra com: Bach,
Beethoven, Sibelius, mais Tchaikovsky,
Mozart, Haydn, Chopin, Offenbach,
Schubert, Schuman, Corelli e Mussorgsky.

Tocamos: “Vésperas Sicilianas”,
“A Traviata”, o “Nabucco” e “Aída”.
De Sarasate, “As Árias Ciganas”
interpretamos com muita vida.

Depois, “Voluntário Trompetista”,
o “Largo de Xerxes” de Haendel;
em seguida, “A vida de Artista”,
por fim, “O bolero de Ravel”.

E ao findar-se meu sonho no vale
da noite, o maestro me sorriu!
O maestro, no sonho, era o "Mahle"...
Ernst Mahle... Me olhou e aplaudiu!

Aplaudiu-me por ter sido o "spalla"...(?)

(Que infeliz sonhador!... Vejam só!...

Eu que mal executo uma escala:

do, ré, mi – mi, fa, sol, lá, si, do)

Caridade

Para entrar, depois da morte,
na celeste Eternidade,
é preciso um passaporte,
cujo nome é CARIDADE.

Prudência

Levando uma vida vã,
perdi bem cedo a Inocência,
mas conquistei sua irmã,
que hoje me ampara: a PRUDÊNCIA.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Solidão branca

Lá fora,
alvo lençol de neve
cobre toda vastidão.

Na lareira,
crepitam pedaços do pinho,
na primavera abatido.

O sussurro do vento,
traz o frio, a saudade.
Uivar dos lobos ao luar,
forte nostalgia, o peito invade.

No Tanquã

Cenário do dia que finda,
suave reflexo do arrebol,
torna as nuvens coloridas,
e as águas do rio tão lindas.

Uma brisa morna,
pródiga a demonstrar
toda paisagem passeia
acariciando as folhas das árvores.

Apesar da agreste paisagem
transparece tanta beleza,
animais nativos e o homem, aqui vivem,
em harmonia com a natureza.

À noite,
a lua, parte deste cenário,
borda com fios de prata,
telhados, árvores e o rio.

Os primeiros raios da manhã,
chegam escrevendo com letras d'ouro
sobre as águas, um novo poema:
Tanquã! É primavera.

Marina

Avante! Jangadeiros,
da terra das jandaias e carnaúbas.
Cavalgas ondas em barcos frágeis,
que ventos fortes as velas enfunam.

Correnteza leva barcos longe da terra,
onde filhos desnutridos esperam,
em toscas choupanas,
oásis de esperanças.

Ao entardecer,
brancas velas surgem no horizonte,
como gaiotas
voltando aos ninhos!

Querer

Quero!
uma brisa leve soprando minh'alma,
vento de verão batendo em meu rosto.
Caminhar pela praia deserta,
no marulhar das ondas embalar meus sonhos.

Quero!
no horizonte azul e calmo,
alçar voo livre às gaivotas,
e, procurar o caminho de nossas vidas...

Quero!
ser eu, e saber quem é você,
que toda noite,
em meu sono,
sempre aparece.

Quero!
o vento batendo em meu rosto,
a segredar em meus ouvidos,
onde encontrar você!

Tentativa

Os pensamentos devaneiam,
buscando a forma poética.
Rimas vagas titubeiam
turbilhão fora de ética.

Surgem do fundo, do meio,
Frases, sem forma e estética.
Esboço nos lábios, enleio,
de calma quase patética.

Mão trêmula, toma a caneta,
e as palavras se completam,
as que afloram dentro em mim.

Frases soltas ao acaso,
tentando contar um caso.
Um pobre soneto, enfim!

Verão

Magia universal;
Tempo parado;
apenas a sinfonia
do vento,
no farfalhar
das folhas.

Num momento;
Festa de luzes!

Miríade de pequeninas
lâmpadas,
bailam no negrume da noite.

São pirilampos
que vagueiam.
Assim como meus
pensamentos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS NEDER
Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra

Medicina, realidade, problemas e soluções

Parece haver hoje em nosso país uma política deliberada de desqualificação da medicina e dos médicos.

A despeito de ser ainda centro de excelência e referência mundial em várias especialidades, o Brasil coloca o seu sistema em xeque dia a dia, por equívocos ou falta de visão de parte dos gestores.

Atualmente, um grande vilão da desconstrução da medicina é o aparelho formador. A abertura indiscriminada de escolas de medicina não foi enfrentada com a devida seriedade e os resultados são nefastos.

Partindo da ideia de que a problemática da educação em qualquer país é consequência e não causa da situação sócio-econômica, cultural e política, deveríamos debater alguns dados para podermos compreender os rumos do ensino superior em geral, e do ensino médico, em particular.

Ao passar do tempo, verificamos que a transmissão da cultura, compromisso tradicional da Universidade, foi cedendo lugar à filosofia de preenchimento das necessidades imediatas. Substituiu-se a ética do ser pela ética do ter.

O aluno é tido como um produto para o mercado de trabalho. Os vestibulandos passam a procurar profissões cuja imagem é de sucesso no campo econômico e social.

Não se indaga se o aluno tem aptidão para determinada profissão, quais suas capacidades, tendências, indicações ou vontades.

Na saúde, existe a necessidade de generalistas, mas formam-se especialistas. Há necessidade de dar mais atenção aos problemas coletivos, mas os formandos são orientados para os problemas individuais.

Mesmo mal orientados quanto a sua formação e objetivos coletivos, os formandos não possuem em sua grande maioria mínimas condições para atendimento clínico.

Recente avaliação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, com estudantes do sexto ano, portanto forman-

dos, atestou que quase 50% deles não sabe interpretar radiografia ou fazer diagnóstico após receber informações dos pacientes.

Também, cerca de metade administraria tratamento impreciso para infecção na garganta, meningite e sífilis. Ainda não seria capaz de identificar febre alta como fator que eleva o risco de infecção grave em bebê.

O baixo percentual de acertos em campos essenciais da medicina, como Saúde Pública (49% de acertos), obstetrícia (54%), clínica médica (56,50%) e pediatria (50,30%) é alarmante.

Esses dados reforçam ainda mais a idéia de que é necessário que o formando realize pelo menos um ano de clínica médica antes de ingressar no atendimento da população.

Aliás, os índices de reprovação, desde que a avaliação foi criada em 2007, mostram que muitos novos médicos não estão preparados para exercer a profissão. Some-se, a esses problemas de má formação profissional, a deficiência já citada da Residência Médica, onde quase 50% dos formados não conseguem por vários motivos obtê-la.

De certa forma, a responsabilidade não é só dos formados que pagam mensalidades caríssimas, convictos de que receberam conhecimentos suficientes para bem servir ao próximo. É fruto da mercantilização do ensino médico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Panamericana de Saúde (OPS) concluíram que dos aproximados 15 mil médicos formados anualmente apenas 53% deles alcançam a Residência Médica 1, e 47% não o fazem por vários motivos e partem ainda assim, respaldados por Lei, a realizar atendimentos clínicos, sem o mínimo de conhecimentos. Porém, mesmo sendo apenas bacharéis em medicina são favorecidos e exercem a profissão, em detrimento da população menos favorecida.

Quando lembramos que os alunos do sexto ano, formandos, possuem baixo rendimento comprovado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, algo deve ser feito em prol da Saúde Pública, com urgência. Temos o exemplo da OAB, que graças ao enorme número de faculdades de Direito, exige uma reavaliação dos conhecimentos dos formados, através do exame da Ordem.

Algo parecido precisa urgentemente ser feito na área médica, pois o número de faculdades de medicina cresceu desordenadamente, muitas delas sem condições reais de funcionamento. Há de se

encontrar uma forma para filtrar os formados, protegendo assim a população menos favorecida.

Faz tempo que as Escolas Médicas são abertas com qualidade absolutamente contestável. Além disso, existem regiões do país que estão superlotadas de Faculdades, em detrimento das regiões norte-nordeste, onde a deficiência de Faculdades é enorme.

Não discutimos a quantidade de médicos formados, mas sim a sua capacidade para atender clinicamente a população.

O excesso de médicos nas regiões sudeste e sul do país é comprovado pela OMS e pela OPS. Segundo essas organizações, o número de pacientes por médico deveria ser de 3 mil e, no entanto, a média é de 400 pacientes, o que mostra o número elevado de médicos nessas regiões. Em contrapartida, no norte-nordeste é aproximadamente de 12 mil, o que demonstra a falta de médicos naquelas regiões.

Além do fator político, na criação de novas faculdades de medicina, predomina o fator mercantilizante, que muitas vezes é unido ao fator político. A maioria das faculdades de medicina é autorizada a funcionar sem possuir ao seu lado um hospital-escola, com corpo docente e capacitação discutível. Falhas na grade pedagógica, além de outros problemas. Em tempo, não podemos confundir a existência de um Hospital com um Hospital Escola, que é inteiramente voltado ao atendimento da Faculdade.

Dessas faculdades mambembes, saem todos os anos profissionais de formação falha. Não dá para fechar os olhos, pois isso é um risco para a vida de todos os cidadãos.

Para agravar a situação, o perigo não mora só aqui, também vem de fora. Nos últimos dias, por exemplo, foi noticiado amplamente que o Governo Federal adotará nova estratégia para facilitar a revalidação de diplomas de médicos brasileiros formados na Escola Latino Americana de Medicina de Cuba.

Com recurso de nossos impostos, eles farão estágios em hospitais públicos, recebendo bolsas, enquanto fazem cursinho de reforço para se preparar para uma prova de revalidação do diploma. Ressalto que a revalidação desses diplomas de médicos estrangeiros, e principalmente de brasileiros formados em outros países, é um processo democrático, contudo são necessárias regras rígidas para não expor os cidadãos à incompetência profissional oriunda de modelos de formação inadequada ou insuficiente.

Como se já não bastassem os nossos problemas para cuidar

da formação dos nossos médicos, readequando nossas Faculdades de medicina, dando ao produto final mais qualidade para o atendimento da população, eis que temos ainda que absorver problemas que vêm do exterior para o nosso país.

Tenta-se na atual conjuntura mais um remédio para esconder a incompetência com que se concebem políticas consistentes para garantir a universalidade e integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

Busca-se mão de obra barata para atender regiões de fronteira de difícil acesso. Enfim, parece que se planeja oferecer medicina de segunda categoria para os carentes e desassistidos. Não podemos compactuar de forma alguma com isso.

Conclusões finais e agravante: o médico é pessimamente remunerado no serviço público, onde seus honorários são bem inferiores à sua qualificação e responsabilidades. Para agravar ainda mais essa situação, ocorre o mau atendimento e cumprimento de horários de serviços. Como a ele é determinado um número de atendimentos diários, ele cumpre essa missão, segundo os horários estabelecidos, sem se preocupar com a qualidade do atendimento.

Para finalizar: o médico deve fazer o exame anamnésico – que corresponde a exames objetivos e subjetivos – conversar com o paciente sobre seus problemas, no mínimo por 15 minutos, a fim de ter noção dos seus problemas clínicos.

Porém, o que ocorre é o absurdo de o paciente ser atendido no exame anamnésico por no máximo dois minutos. Não é possível, humanamente, o profissional médico obter nesse curto espaço de tempo diagnóstico próximo do correto.

A defesa feita pelos médicos para mim é inaceitável, pois eles alegam serem obrigados ao cumprimento do horário a eles estabelecido. Creio que mesmo aumentando o número de médicos na clínica, o problema continuará, pois trata-se de uma má formação cultural e médica inadequada, já relatada neste trabalho.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado

O Arquipélago da Madeira: história, cultura e tradições

O Arquipélago da Madeira teve – e de certa forma ainda tem – uma enorme importância na história do Brasil e na história de São Paulo. A participação dos madeirenses em nossa história é fundamental. Disse Gilberto Freyre que a Madeira é a irmã mais velha do Brasil. Isso é verdade. O arquipélago da Madeira foi descoberto (oficialmente, pelo menos) 80 anos antes de Cabral (também oficialmente...) descobrir o Brasil. Mas – segundo o mesmo Gilberto Freyre – a Madeira nunca tratou o Brasil como uma irmã trata seu irmão. Na realidade ela nos tratou com o carinho, com os desvelos, com os sacrifícios com que uma verdadeira mãe trata seus filhos.

Se nós percorrermos o longo e glorioso itinerário histórico da Madeira, veremos que sua história foi um longo e desinteressado sacrificar-se pelo irmão maior – como também, em medida menor, pelas outras parcelas do Império luso, que são outros tantos irmãos da Madeira. O Brasil, na verdade, foi o grande beneficiário da abnegação madeirense.

Curiosamente, e injustamente, ressalte-se, essa influência enorme da Madeira na história do Brasil é esquecida, é menosprezada entre nós. E mesmo na Madeira pouca gente tem noção da amplitude desse sacrifício multissecular. Fala-se muito, entre nós, da influência açoriana, especialmente no Nordeste, em São Paulo, e sobretudo na colonização de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Realmente, foi muito grande a influência açoriana, e nunca a louvaremos suficientemente. Mas da influência madeirense quase ninguém fala...

O Arquipélago da Madeira é composto, como é sabido de todos, pela Ilha da Madeira (a maior e mais importante); pela Ilha de Porto Santo; e pelas desabitadas Ilhas Desertas e Ilhas Selvagens.

A Ilha da Madeira, que mais diretamente nos interessa nesta exposição, foi descoberta em 1420 por João Gonçalves Zarco e Tris-

tão Vaz, escudeiros do Infante D. Henrique, o Navegador. Já no ano anterior os dois, em companhia de Bartolomeu Perestrelo, haviam chegado à Ilha de Porto Santo. Mas só no ano seguinte chegariam à Madeira. Bartolomeu Perestrelo foi nomeado capitão donatário de Porto Santo. Quanto à Madeira, ela foi dividida, mais ou menos no seu sentido longitudinal, pelos dois descobridores. Zarco ficou com a parte sul, que viria a ter como capital Funchal, e Tristão Vaz ficou com a parte norte, sediando-se em Machico.

Do ponto de vista topográfico, as duas ilhas não poderiam ser mais diferentes. Enquanto Porto Santo é seca e pouco fértil – diz-se que constitui como que um prolongamento do Saara – a Madeira é montanhosa e de solos quimicamente muito férteis, se bem que topograficamente só com grande dificuldade aproveitáveis para a agricultura.

Para se ter uma ideia dessa dificuldade, note-se que a Ilha da Madeira é cerca de 600 vezes menor que o Estado de São Paulo. Toda a ilha caberia perfeitamente dentro da área do município de São Paulo. E, no entanto, é cortada no sentido longitudinal por uma cordilheira elevadíssima, com diversos picos de mais de 1500m de altitude, e um deles, o Pico Ruivo, chega a 1861m.

O resultado é que dessa ilha, já de si pequena, apenas 20% do solo pode ser aproveitado, e mesmo assim somente à custa de esforços inimagináveis para os homens de hoje em dia. Mas foram esforços à altura dos nossos maiores madeirenses.

Quando os portugueses chegaram à Ilha, ela era revestida de densas florestas. Numa primeira fase, foi preciso desbastá-las, para se poder cultivar a terra. Velha tradição, certamente muito exagerada, diz que toda a ilha foi incendiada por ordem de João Gonçalves Zarco, num incêndio que teria durado 7 anos. Que houve incêndios, é fato. Que houve imprudência nesses incêndios, é bem possível que tenha havido. Mas dizer que toda a floresta da ilha foi incendiada, isso é certamente exagero, porque é fato que a madeira da Ilha da Madeira foi explorada durante muito tempo pelos portugueses.

Tanta lenha de qualidade, em toras grossas e compridas, foi levada para Portugal (geralmente como lastro de embarcações) que muitas casas de um ou dois andares, reforçadas com toras trazidas da Ilha, puderam receber mais um ou dois pisos. E isso chegou a modificar o aspecto arquitetônico da cidade de Lisboa, como nota Azurara, que fala das *“grandes alturas das casas que se vão ao céu, que se fizeram e fazem com a madeira daquela ilha”* (citado por Enzo da Silveira).

Também a madeira de lei produzida pela Ilha permitiu ao Infante D. Henrique a construção de embarcações maiores, que desbravaram os mares de todo o mundo. Zarco e Tristão chegaram à Madeira em duas barcas de apenas 9 metros de comprimento, com uma única vela redonda, que não permitia a navegação contra o vento. Em parte graças à madeira da Ilha puderam ser construídas embarcações maiores, as famosas caravelas, com um sistema de velas que lhes permitia navegar contra o vento.

Era – notem os leitores – a Madeira que iniciava o cumprimento de sua vocação histórica: despojar-se de suas riquezas e empobrecer em benefício de outras parcelas do império luso. É a vocação da irmã mais velha que se sacrifica como se fosse a mãe...

Mas, prossigamos. Desbastada a floresta, era preciso aproveitar a pouca terra disponível, para alimentar os dois donatários, suas famílias e os numerosos colonos que eles levaram, a suas custas, para povoar a nova terra. Aí apareceu um problema terrível. Na Madeira, chovia muito, chovia até torrencialmente. Mas a água caía e não era retida pelo solo, escorrendo rapidamente para o mar e arrastando consigo a camada superior da terra, num processo de erosão que poderia ser fatal.

O que fizeram os portugueses para vencer esse problema? Planejaram cuidadosamente, e executaram laboriosamente um sistema de irrigação artificial que até hoje desperta admiração nos engenheiros que o examinam: o sistema das “levadas”.

As levadas são regatos artificiais feitos para distribuir a água por toda a superfície agricultável da ilha. No alto das montanhas, a 600, 800 e até 1000 metros de altitude, foram feitos grandes reservatórios apropriados para reter a água das chuvas. E essa água era, depois, distribuída por riosinhos artificiais, condutos abertos que desciam as montanhas com uma inclinação muito suave, de modo a descer vagarosamente. As levadas têm, geralmente, menos de um metro de largura, e 50 ou 60 cm de profundidade. São talhadas no flanco das montanhas, muitas vezes em pedra viva e beirando precipícios de centenas de metros. Elas vão dando voltas às montanhas, sempre com inclinação muito suave, e por vezes se estendem por mais de 50 km. Frequentemente a topografia exigia que as levadas atravessassem túneis (alguns com mais de um quilômetro de extensão) para poderem prosseguir seu rumo. Eram os chamados “furados”.

Imagine-se a extrema dificuldade que isso representou, para

os recursos rudimentares da época! A maior parte das levadas, com efeito, foi realizada ainda nos séculos XV e XVI, pela iniciativa privada dos donatários e outros sesmeiros, que depois vendiam a água aos que dela faziam uso. Só no início do século XIX o Estado português principiou a fazer levadas, que até então eram obra de particulares. As levadas madeirenses foram tão bem planejadas e tão bem executadas que ainda hoje, mais de 500 anos decorridos, estão funcionando e servindo perfeitamente.

Ter assim domado as águas na Madeira foi uma obra hercúlea, uma obra ciclópica, que bem mereceria ser mais conhecida e louvada a nível mundial.

Não foi só essa a obra dos madeirenses no campo da engenharia. Outra tarefa, talvez não menor, foi domar as montanhas. De fato, as montanhas da Madeira eram tão íngremes que não se prestavam à agricultura. Mas, à custa de esforços inenarráveis, os madeirenses foram esculpindo suas montanhas de forma a constituir patamares, ou socalcos, perfeitamente planos, sustentados por sólidos contrafortes de pedra. O resultado dessa obra titânica foi que a Madeira pôde aproveitar suas terras (que pela composição química eram muito férteis, de origem vulcânica), e começar a produzir alimentos de climas diversos, conforme a diferente altitude dos terrenos: desde coqueiros, ananases e bananas, de clima tropical, até uvas e trigo, que requerem climas mais temperados. Também esses contrafortes e esses socalcos ainda servem hoje em dia, tendo resistido a mais de 500 anos de chuvas torrenciais.

Mais uma vez, permitam os leitores que eu pergunte: por que, em nível mundial, não é mais conhecida e louvada essa obra-prima do engenho humano, da persistência humana?

No início do século XVI, o grande Afonso de Albuquerque concebeu e chegou a dar os primeiros passos para realizar um imenso projeto que poderia ter dado um golpe de morte ao Islã: abrir um canal que comunicasse o Mediterrâneo com o Mar Vermelho, de modo a facilitar, à Cristandade, o acesso ao Oriente sem precisar dar a imensa volta pela África. Ou seja, construir o que depois foi o Canal de Suez, em pleno século XVI! Albuquerque chegou também a realizar estudos para um projeto ainda mais audacioso: ele planejou desviar o curso do Nilo, de modo a secar o Egito e, assim, quebrar o ponto central da forte tenaz muçulmana. Pois bem, esses projetos, que pareceriam impossíveis, não eram impossíveis. Em primeiro lu-

gar, porque para homens como Albuquerque nada é impossível. Em segundo lugar, porque existiam os madeirenses. E Albuquerque, em carta ao Rei D. Manuel, propôs que essas obras ciclópicas fossem confiadas aos madeirenses, porque estes já tinham dado provas, na sua pequena ilha, do que eram capazes.

Prossigamos. A Madeira começou a plantar açúcar e a enriquecer-se prodigiosamente, ainda em meados do século XV. Mas, por mais que atraísse forasteiros (e foram numerosos os portugueses do continente e, mesmo, estrangeiros que para lá acorreram nessa fase), a população ainda era muito reduzida.

Por volta de 1460, os habitantes da Madeira eram somente 2310. O Duque D. Fernando – sucessor do Infante D. Henrique na administração da Ordem de Cristo, que exercia jurisdição temporal e espiritual sobre a Madeira – instituiu então um imposto que deveria ser pago, em trigo, somente pelos homens solteiros, para incentivá-los a se casarem. O resultado dessa medida foi efficacíssimo. 50 anos depois, a Madeira já tinha 15 mil habitantes. O crescimento, em cinco décadas, foi da ordem de 650% – um dos maiores verificados na história. E, a partir daí, a população foi crescendo cada vez mais, pois os madeirenses habitualmente casam cedo e são muito prolíficos.

A Madeira conheceu, então, um curto período de grande riqueza e prosperidade, graças ao seu açúcar de excelente qualidade, que era vendido para a Europa inteira. Também os vinhos finos da Madeira passaram a ser consumidos na Europa, sendo muito valorizados.

Dois curiosos indícios da fama dos vinhos madeirenses: numa das peças de Shakespeare, um personagem, Sir John Falstaff, aparece vendendo sua alma ao demônio em troca de uma perna de frango e um cálice de vinho da Madeira. E quando o duque de Clarence, na Inglaterra, foi condenado à morte por se ter envolvido numa conspiração contra a coroa, teve o privilégio de escolher como seria executado. E, segundo se conta, ele teria pedido para morrer afogado num tonel de vinho Malvasia, da Ilha da Madeira... O pior é que o coitado foi realmente afogado, mas de cabeça para baixo, de modo que estragou o vinho e nem sequer pode saboreá-lo na hora da morte!

Em 1514, ainda nessa fase de grande prosperidade, foi criada a Diocese do Funchal, que foi, até 1533, a maior diocese do mundo, a maior diocese que já existiu em toda a História da Igreja Católica.

O Bispo da Madeira tinha jurisdição, conferida pelo Papa, sobre todos os domínios ultramarinos portugueses. Até onde chegasse uma caravela portuguesa, lá chegava a autoridade desse Bispo: Brasil, África, Índia, Extremo Oriente. O Brasil inteiro fez parte da Diocese do Funchal até 1551, quando foi criada a Diocese da Bahia.

Ora, que fez a Madeira nesse período áureo? Guardou ciosa e egoisticamente para si suas imensas riquezas, para fruí-las como merecida recompensa pelos trabalhos colossais que já tinha realizado? Não. Mas portou-se como mãe de seus irmãos menores. Sacrificou-se por eles. Ofereceu a eles seus tesouros, sem se preocupar com a concorrência que eles mesmos lhe fariam num futuro muito próximo.

O açúcar, a maior riqueza da ilha, foi levado, por madeirenses, inicialmente para os Açores, cuja primeira ilha foi atingida pelos portugueses em 1432. Aliás, a Madeira contribuiu poderosamente para o povoamento e colonização dos Açores numa fase em que ela própria lutava contra a carência de população. Em 1473, Rui Gonçalves da Câmara, filho de João Gonçalves Zarco, adquiriu os direitos sobre a capitania de São Miguel dos Açores, e para lá foi com sua gente, dando assim início à Diáspora Madeirense.

Não foi só para os Açores que a Madeira exportou o açúcar e, com ele, a tecnologia da sua fabricação. Também para Cabo Verde, Canárias, São Tomé e, sobretudo, para o Brasil. No Brasil, as condições favoráveis permitiram que o açúcar fosse produzido em muito maior escala e a preço muito mais reduzido, o que determinou a quebra da economia madeirense. Já no final do século XVI o Brasil havia ultrapassado a Madeira na produção açucareira.

A Madeira, que havia se desgastado muito plantando quase exclusivamente cana-de-açúcar nas partes mais baixas, e uvas nos socalcos mais elevados, e que, por outro lado, ia tendo sua população cada vez mais numerosa, começou a sofrer as consequências disso.

Excetuando o período da Guerra de Pernambuco, quando caiu a produção brasileira e a madeirense teve uma relativa valorização, foi de decadência o século XVII. Em certas fases críticas, chegou a haver fome na Madeira. A base da alimentação popular era o inhame – o cará – alimento nutritivo mas de produção muito incerta, pois depende das chuvas e do clima. O resultado é que em períodos nos quais as condições climáticas eram desfavoráveis, houve fome, e fome terrível.

Os Açores produziam ótimo trigo, mas esse trigo era reservado para outras partes do Império luso que passavam por necessidades prementes. E na Madeira houve fome. O recurso dos madeirenses era apresarem navios carregados de mantimentos que por alguma razão entravam no Funchal. Era esse o recurso desesperado. Esses mantimentos eram pagos, não eram roubados, pois paradoxalmente não era dinheiro que faltava, era comida.

Em 1695, num momento de mais terrível aflição, os habitantes do Funchal, desesperados, resolveram recorrer a Nossa Senhora do Monte. A imagem da Virgem foi levada, do seu santuário para o centro da cidade, em procissão. A Virgem valeu aos madeirenses, e justamente nessa hora entraram no porto três navios, abarrotados de trigo e de farinha. Foi a partir daí que a devoção a Nossa Senhora do Monte, que já era tradicional na Madeira, teve grande incremento e se transformou na devoção marial por excelência, do madeirense.

Aonde chegaram os madeirenses, lá chegou a devoção a Nossa Senhora do Monte. Até no longínquo Havaí existe um santuário de Nossa Senhora do Monte, erigido por descendentes de madeirenses. E aqui na Casa da Ilha da Madeira de São Paulo, num altar, estão, lado a lado, duas imagens de Nossa Senhora, a do Monte e a de Fátima.

No século XVIII foi-se acentuando o regime de fomes periódicas. Um estudo de meados desse século revela que a alimentação que os madeirenses obtinham, ou da própria ilha, ou trazida de outros locais, era suficiente apenas para alimentar 20 mil pessoas. Ora, a população da ilha era, nessa altura, de 50 mil pessoas, do que deduz que, em média, o madeirense comia apenas 40% daquilo que precisava comer.

Sem dúvida, pode ser um pouco exagerado esse cálculo, pois as estatísticas desse tipo habitualmente ignoram outros meios – digamos, paralelos ou alternativos – de se obterem alimentos: hortas caseiras, pequenas criações etc. Ainda hoje, quem lê sem espírito crítico certos estudos da FAO ou certas publicações demagógicas acredita que, no Brasil atual, 30 ou 40 por cento dos habitantes são desnutridos!...

Mas, exageros à parte, não deixa de ser uma triste realidade que houve fome na Madeira, e que, em consequência disso era elevada a taxa de mortalidade. Mas, graças à tradicional prolificidade dos madeirenses, a população continuava a crescer. E, portanto, a agravar o problema das fomes periódicas.

Foi então que a Coroa portuguesa resolveu realizar a transferência maciça de madeirenses (como também de açorianos) para o sul do Brasil. Foram os famosos "casais" que povoaram a ilha de Santa Catarina e a região do Porto dos Casais (atual Porto Alegre). Com isso, não somente se aliviava o problema populacional das ilhas, mas também se garantia a ocupação do sul do Brasil, disputado à Espanha. Era mais um serviço que a Madeira prestava ao império luso e ao Brasil.

Note-se um pormenor muito importante: essa transferência dos casais teve início em 1747, precisamente na fase de maior esplendor das Minas. Era pelas Minas Gerais que os imigrantes portugueses sentiam maior atração, pois lá é que o enriquecimento podia ser mais rápido. Mas foi para o sul, para o que era então a parte mais dura da tarefa que foram os madeirenses, como também os seus irmãos, os não menos heroicos açorianos.

Um outro aspecto que deve ser lembrado, ainda na linha da dedicação do Arquipélago da Madeira a seus "irmãos menores", e especialmente ao Brasil, é a participação intensíssima de madeirenses para a defesa do Império luso contra seus inimigos. Aqui no Brasil foi enorme a participação deles nas lutas contra franceses, no Rio e no Maranhão, e contra holandeses, na Bahia e em Pernambuco. Entre muitos outros, basta lembrar os nomes do João Fernandes Vieira, nascido na Madeira, e André Vidal de Negreiros, cuja mãe era natural de Porto Santo.

Houve vários madeirenses que, na fase pior da luta contra os holandeses, quando parecia definitivamente implantada a dominação holandesa em Pernambuco (a ponto de o Padre Antônio Vieira considerar fato consumado e irreversível a existência de um Brasil holandês), armaram homens, fretaram navios e vieram por conta própria fazer guerra aos invasores. No Maranhão, um madeirense encabeçou a luta contra os franceses e os expulsou definitivamente. Assumiu o governo da capitania por aclamação popular e entregou-a depois às autoridades mandadas pelo Rei. Com isso, ficou arruinado economicamente, mas cumpriu o que julgava ser o seu dever.

Ao longo dos séculos XIX e XX, ainda prosseguiu a Diáspora. Para o Brasil, e depois para a Austrália, para a África do Sul, para o Canadá, para os Estados Unidos, a Madeira foi exportando o que tinha de melhor, ou seja, precisamente seus filhos mais capazes, com mais espírito empreendedor e iniciativa.

E por toda parte se foi fixando o emigrante madeirense, levando consigo o drama e a tragédia que representa, para todo ser humano cômico de suas origens e de suas tradições – e o madeirense é bem assim – o romper violentamente com o torrão natal, sem nunca esquecer dele e levando sempre na alma a nostalgia do lar paterno, da aldeia nativa.

Maria Lamas registra em “O Arquipélago da Madeira, maravilha atlântica” numerosos casos de emigrantes que viajavam à procura de melhores condições de vida, deixando na Madeira esposa e filhos, na esperança de mais tarde poder regressar ou, talvez, chamá-los. Frequentemente acontecia – sobretudo no passado, quando as comunicações eram mais difíceis – que a família nunca mais tinha notícias. Muitos, aliás, dos que partiam eram analfabetos e nem lhes ocorria escrever para suas esposas, também analfabetas. Havia casos de rapazes que casavam e partiam para o estrangeiro logo na semana seguinte ao casamento. A esposa esperava, paciente e fielmente, o retorno do marido, vestida de preto, como se fosse viúva, até que, 30, 40 ou 50 anos depois, se convencida de que era realmente viúva. A “viuvinha”, jovem vestida de preto, acabou se tornando figura típica no folclore madeirense. São os dramas da emigração...

Curiosamente, os emigrantes madeirenses, onde quer que estejam, na hora de casar tendem a procurar moças madeirenses, ou de origem madeirense. Essa tendência é muito antiga. Os jornais da Madeira frequentemente publicam, ainda hoje, anúncios de madeirenses bem sucedidos na vida que, nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália, ou em qualquer outra parte, desejam casar e pedem, por anúncios, que se apresentem candidatas.

Foi muito grande a participação da Madeira no Brasil, e especificamente em São Paulo, na constituição populacional. Numerosas famílias brasileiras têm origem mais remota ou mais próxima, na Madeira. Pode-se com segurança afirmar que não há família tradicional paulista, mineira ou nordestina (para falar só nestas) que não tenha sangue madeirense nas veias.

Muito resumidamente, foi assim que se formou a alma madeirense. O caráter e a têmpera do madeirense se forjaram na luta, no enfrentamento dos obstáculos da natureza, das circunstâncias desfavoráveis da economia.

Essa a raiz das grandes qualidades do madeirense: coragem, gosto pela aventura, espírito empreendedor, amor ao trabalho, à fa-

mília e ao torrão natal, lealdade, espírito independente e até desafiador, sem embargo de ser polido e delicado.

Como todos os viajantes da Madeira assinalaram, o madeirense, mesmo quando rústico, é extremamente cuidadoso em tratar bem os outros.

Um viajante inglês de princípios do século XIX notou que os madeirenses tiravam o chapéu para qualquer senhora com quem cruzavam na rua, mesmo que não a conhecessem. E não tiravam o chapéu para as estrangeiras. Perguntou o porquê disso e ficou sabendo que os madeirenses gostariam de tirar os chapéus também para as estrangeiras, mas como haviam notado que os estrangeiros eram muito pouco educados e não tiravam o chapéu para as senhoras portuguesas a quem não haviam sido apresentados, os madeirenses haviam resolvido lhes pagar na mesma moeda.

Realmente, o espírito madeirense é delicado e facilmente tende para o lirismo. A poesia popular madeirense é rica e sugestiva.

Além de delicado, o madeirense é refinado. Até pessoas muito simples, por vezes analfabetas, possuem um senso artístico notável e um bom gosto que encanta os estrangeiros que visitam a Madeira. Basta lembrar a tradicional arte dos bordados e os encantadores jardins da Ilha, cobertos de flores maravilhosas.

Curiosamente, em meio a tanta luta e a tanta tragédia, o madeirense não é triste. Ele é alegre, gosta de cantar, de dançar. Seu folclore é riquíssimo. Essa é a alma madeirense. Essa a alma que desejo homenagear, por tudo quanto a Madeira, nossa irmã mais velha, fez pelo Brasil e fez por São Paulo.

(O presente artigo é aqui publicado como especial homenagem ao Acadêmico Geraldo Victorino de França, cuja família é de origem madeirense. Foi escrito a partir do texto reconstituído de uma conferência proferida pelo autor no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em sessão especial de "Homenagem aos Madeirenses que ajudaram a fazer a grandeza de São Paulo", realizada no dia 5/6/2004.)

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Zevers, o esquecido

Era um dia de rotina dos infernos. Pecadores nus tentavam esconder-se entre os vapores sulfúreos. Por trás das rochas, hordas demoníacas espreitavam, preparando o ataque. O chão, a ponto de liquefazer-se, queimava os pés descalços. Ao centro da grande caverna, instrumentos de tortura aguardavam suas vítimas.

Uma corneta recurva como um chifre emite o sinal tão esperado. Demônios lançam-se às almas perdidas que correm, caem, lutam ou simplesmente deixam-se estar imóveis, petrificadas de horror. Tridentes zunem, acertando seus alvos pelas costas. Garras afiadas arrastam os prisioneiros até as paredes de onde pendem grilhões. Iniciam-se as torturas. Gritos lancinantes ecoam. Estalam chicotes de aço.

Nem todos passam pelo suplício ao mesmo tempo. Alguns permanecem acorrentados observando com terror o que os aguarda e matando a sede com goles de chumbo derretido servido em belas taças de pedra.

Em um canto do salão, um espelho oval reflete as metamorfoses de um ser indeciso. Zevers, o das grandes orelhas, transforma-se várias vezes, sem resolver-se. Ora é homem, ora é mulher, ora velho, jovem, belo, forte, frágil... Ensaia caretas de pavor, contorções de dor, gritos, gemidos, lamentações... Pensa até em ajoelhar-se e iniciar uma prece, uma súplica aos Céus. Não tem tempo. Uma tenaz em brasa puxa-o pela orelha.

– Anda, Zevers! Atrasado como sempre! Escolha qualquer forma e junte-se aos pecadores.

Zevers novamente não tem tempo. A corneta recurva soa outra vez e toda a balbúrdia cessa.

– Fim da primeira parte do exercício! Troquem de personagens e aguardem meu sinal! – grita o instrutor que passa voando.

Grande correria em direção ao espelho. O grupo dos pecado-

res transforma-se em demônios apavorantes e a horda dos demônios torna-se um bando de pecadores apavorados.

Precisam superar-se. É a regra do treinamento. O inferno está dividido em duas equipes que treinam todos os dias, invertendo papéis. Assim será até o Juízo Final, quando os verdadeiros condenados chegarão. Aí sim, os demônios serão somente demônios e cumprirão seus deveres.

Soa a corneta novamente e Zevers continua em frente ao espelho. Não sabe qual forma apavorante escolher. Um diabrete vermelho? Um monstro sem cabeça, com olhos na barriga? Uma serpente-salamandra? O problema de Zevers é o excesso de imaginação (além das orelhas grandes, é claro). Mesmo como crocodilo alado, as orelhas lá estão! Um crocodilo com orelhas daquele tamanho, só mesmo no inferno!

Desiste do exercício. Retira-se do salão às escondidas. Está entediado e cheio de dúvidas. Será que os pecadores realmente virão algum dia? Há séculos que treinam e tentam. Sim, Zevers também é um espírito tentador. Conhece bem os homens. Já levou milhares de almas ao caminho da perdição. Mas será que haverá mesmo um julgamento? Será que seus esforços fazem sentido? Zevers é um demônio de pouquíssima fé.

Esgueira-se pelos corredores mal iluminados a procura de "seus aposentos". Quer dormir. É um hábito humano do qual não abre mão. Adquiriu-o depois de perder a memória em uma batalha contra um espírito de luz. Zevers, o esquecido, era visto com certo respeito, pois enfrentar uma criatura celeste exigia coragem. Ele, porém, não se lembrava da luta.

Suas excêntricas não paravam por aí. Além de dormir e até sonhar, Zevers lia e dava ouvidos a tudo o que escutava. Agora, por exemplo, escutava passos a segui-lo. Parou. Os passos pararam. Decidiu voar e ouviu outras asas em seu encalço. Espiões, certamente!

– O que vocês querem? – berrou com falsa fúria.

O bater de asas afastou-se, os corredores ficaram vazios.

Desconfiavam dele e com razão. Ele era um conspirador, um dissidente entre dissidentes. Precisava disfarçar melhor. Foi à câmara do supervisor das atividades tentadoras, um arquidemônio curioso e detalhista, e, depois das formalidades de sempre, fez seu relatório:

– Estimulei um conflito religioso no Oriente, instiguei a criação de novas armas biológicas, convenci os laboratórios que estavam a meu encargo a manter em segredo a cura de certas doenças a fim de continuarem vendendo remédios...

Continuou falando de massacres, crimes ambientais, corrupção, exploração da miséria... fatos verdadeiramente ocorridos com os humanos aos quais fora designado para tentar.

O arquidemônio chamou-o “o melhor espírito das trevas em termos de tentação, quase tão bom quanto o próprio Satã”. Zevers saiu orgulhoso. Era bom ser elogiado mesmo quando, ou melhor, especialmente quando não merecia. Aqueles pecados todos haviam acontecido, mas sem a interferência de qualquer demônio. Os homens tinham feito o que fariam de qualquer jeito, simplesmente porque eram estúpidos em seus ódios e interesses. Zevers desprezava a humanidade. Odiava-a. Queria poder exterminá-la antes que ela mesma o fizesse. Graças a ela, era obrigado a reconhecer sua inutilidade como tentador. E lá estava ele, um demônio inútil como os outros, uma existência sem sentido dedicada a tentações desnecessárias e à espera de um Juízo Final que talvez não viesse.

Pensando bem, ele duvidava da própria existência. Não se lembrava de Deus, de anjos, da queda e jamais vira Satã depois de perder a memória. Sabia, através dos homens, que havia outros infernos diferentes daquele: o inferno dos gregos, o inferno gelado e outros infernos quase esquecidos. Os homens eram tão maus que deveriam ter criado os demônios à sua imagem e semelhança. “Pensam-me, logo existo”, blasfemava Zevers cartesianamente, contra Céus e Infernos.

* * *

– Acabamos de ver Zevers, o esquecido, saindo do inferno sem autorização. Ele levava uma sacola negra. Devemos prendê-lo? – perguntou um dos guardas ao arquidemônio.

* * *

Da igreja inacabada restavam três paredes a ponto de desabar. Zevers ajeitou um altar com as pedras do chão, cobriu-o com um pano branco, tirou dois vasos da sacola que trouxera e lamentou

não ter conseguido flores. Bem que tentara apanhá-las pelo caminho, mas suas mãos faziam-nas murchar. Encheu os vasos com mato seco e achou-os até bonitos para enfeitar seu ritual. Acendeu velas brancas e, toque final, colocou sobre o altar sua obra-prima: um livro ricamente encadernado em cuja capa rebrilhava a palavra “Bíblia”. Beijou-o solenemente, mas preferiu deixá-lo fechado, pois as páginas estavam em branco. Tentara roubar uma Bíblia verdadeira, mas todas feriram-lhe as mãos como espinhos.

Ajoelhou-se, começou a rezar. As preces saíam de trás para a frente. Desesperou-se, precisava falar com Deus. Gritou:

– Sei que está me ouvindo, fale comigo!

– O universo todo está te ouvindo, Zevers. Para que tanto barulho? O que pensa que está fazendo? – perguntou o arquidemônio aparecendo de repente.

Zevers tremeu. Como explicar-se? A verdade, talvez?

– Olá, é um ritual de missa branca, como pode ver. Calma, escuta! Quero falar com Deus. É, falar com Deus. Preciso de respostas. Você sabia que existem outros infernos além do nosso?

– Todos sabemos disso, seu desmemoriado! Se tem dúvidas, por que não pergunta a mim ou pede uma audiência a Satã?

– Porque eu acho que Satã também não sabe.

Zevers perdeu a pouca prudência que lhe restava. Disse ao arquidemônio que, muitas vezes, ouvira Satã chorar de saudade de Deus. Disse que ouvira-o suplicar perdão em voz baixa e jurar vingança aos berros, porque não era atendido.

Um raio fulminou o altar e Satã, furioso, surgiu flamejante acompanhado por uma legião armada.

– Amarrem o traidor mentiroso! – ordenou.

Zevers foi preso sem opor resistência. A um sinal de Satã, os demônios partiram.

– Mentindo sobre mim novamente, não é, Zevers?

– Tende piedade, Satã, de minha atroz miséria! – suplicou Zevers baudelairiano. – Eu queria apenas falar com Deus.

– Deus está morto, seu idiota! – urrou Satã.

– Não acredito! De jeito nenhum! Oh, desculpe-me, mas...

Bem... nesse caso... – disse Zevers aturdido – que mal há em eu querer falar com Ele? Deixe-me tentar e, se ninguém responder, saberei que Ele morreu. Pensando bem, grande Satã, se nós dois tentarmos juntos, poderemos ter mais certeza ainda. Venha, rezar comigo. Venha!

– Como se atreve a tentar-me!?

Satã bateu palmas e o arquidemônio retornou voando com uma enorme ânfora cheia d'água.

– Despeje sobre o traidor! – ordenou Satã.

– Esperem! O que tem aí dentro? – gritou Zevers.

– Apenas água. Água do inferno grego. Você não é especialista em outros infernos diferentes do nosso? Então deve saber quais são os rios do inferno de Cérbero. Vamos, diga quais são! Diga os nomes. Eu te ordeno!

– Aqueronte, Flegetonte... Cocito... Estige... – balbuciou Zevers.

– Esqueceu o mais interessante: o rio Letes, o rio do esquecimento.

A água caiu sobre Zevers que mal teve tempo de gritar e desmaiou. O arquidemônio desamarrou-o e transportou-o com cuidado, pelos ares, de volta ao inferno. O Príncipe das Trevas ficou só. Sabia que, por alguns séculos, nada teria a temer. Zevers perdera a memória e fora esquecido novamente. Acordaria rodeado por demônios dos quais não se lembrava e que também não se lembravam dele. Levaria tempo até reorganizar seus pensamentos subversivos e atrever-se a tentá-lo outra vez. Sim, ele certamente voltaria a tentá-lo porque era o único capaz de ouvir seu choro de saudade a qualquer distância.

– Pronto, meu Príncipe! – disse o arquidemônio, retornando.

– O esquecido está entregue. Repeti a história da luta entre ele e um anjo de luz.

“História verdadeira”, pensou Satã, orgulhoso. “Sou o maior anjo de luz que jamais existiu”.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR
Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

O passo à direita

O toque das marchas militares
ecoa, enche as ruas e as casas
como um troar de trovoadas,
como uma voz possante e inflamada
pelo orgulho dos mortos
e pelos feitos dos heróis.
A multidão frenética, histérica,
vê a massa fardada que passa
no seu passo de gigante,
batendo os pés, sacolejando os braços,
como se a rudeza daqueles gestos
deixasse transparecer
a ânsia varonil
que seus peitos tanto aspiram.
E a multidão delira! A multidão geme,
sentindo o orgasmo febril
das paixões políticas e sociais,
sentindo a satisfação voluptuosa
de ver a força bruta,
a demonstração do poder das armas,
a desfilar garbosa e masculina
ante seus olhos chispantes,
ante seus olhos de lava,
que escondem atrás de si
a revolta, o ódio e a sede maligna
de ver aquele mesmo exército
lutar até a morte,
num clímax de violência, sangue e dor!

Depois passam homens herméticos, frios,
escondidos em tanques,
manejaando imensos canhões,

dirigindo poderosos carros de combate...
Parecem monstros amorfos
saídos de algum conto de fada,
ou quem sabe, de um terrível pesadelo!
E a multidão aplaude, urra, baba,
ao ver aquele espetáculo magnífico
de poder bélico, de poder mortal.
E passam os generais engalanados
trazendo o sinete de sua força,
e no estômago, a úlcera, a má digestão
da insatisfação política e social do povo!
Aviões cruzam em algazarra
pelo cimo dos edifícios
marchetado de cabeças,
pontilhado de sorrisos obscenos,
parecendo antes pássaros gigantesco
vomitando, de quando em quando,
a poluição dos confetes coloridos.
Um padre abençoa as armas
fazendo delas instrumento sagrado,
para que jamais disparem menos
que papel colorido e bolhas de sabão.

E marcha o orgulho verde da nação
emproando o peito altivo,
empunhando o fuzil amigo
tal qual feras de anilina
de panos e de metal.
Os tambores rufam mais alto
mostrando a todos
os acordes da liberdade:
– Passo à direita. Um... Dois...
– Passo à direita. Um... Dois...
Meu filho assiste à tudo
eufórico, alegre, vibrante,
no seu entusiasmo infantil.
E levado pela febre magnífica
sacode os bracinhos finos,
levanta as perninhas frágeis,

e bate no chão os pezinhos fracos,
enquanto a boquinha pura
entoa na sua ingenuidade angelical:
– Passo à dileita. Um... Dois...
– Passo à dileita. Um... Dois...

O pára-quedista do desespero

O ar envolve o salto
do pára-quedista do desespero,
do malabarista do irreal.
O corpo caiu do avião
do comodismo
que nem um saco de lixo,
rumo ao chão,
atravessando em seu caminho
léguas de vazio absoluto.
O corpo arroxeadado
tem olhos de maquinaria exata,
corpo de ferro-velho
e alma de alquimista.
Decerto, ao tocar o chão
o milagre se faça
e sua miséria
venha a se transformar
num setor burocrático,
que resolva, de uma vez por todas,
a situação efêmera
de milhões de miseráveis como ele!
Decerto o salto inútil
não venha a ser apenas estatística,
mas se torne
num sacrifício oportuno!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO
Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Cantiga de adultos

Dos sonhos que eternizo da infância
Surge a música de doce acalanto
Que vinha dos doces lábios de mamãe
Nas noites mornas de meu travesseiro.

*Mesmo que a vida lá fora o agrida
Mesmo que o mundo o rejeite
Alguém o espera aqui em casa
Com um abraço e um refúgio certo*

E assim se passaram rapidamente anos
Sulcos vincaram minha face
Entretanto mantive uma alma serena
Sempre embalada por aquela cantiga

*Mesmo que a vida lá fora o agrida
Mesmo que o mundo o rejeite
Alguém o espera aqui em casa
Com um abraço e um refúgio certo*

Embora Deus tenha lhe levado
E o travesseiro só se aqueça com minhas lágrimas
Ainda assim ouço as doces notas
Da canção que sua alma me deixou

*Mesmo que a vida lá fora o agrida
Mesmo que o mundo o rejeite
Alguém o espera aqui em casa
Com um abraço e um refúgio certo*

De saudades e reencontros

As rugas sulcavam expressivamente a face de Maria José. Mas o sorriso quase translúcido bailava constantemente no rosto septuagenário, cândido, leve e faceiro, do que restara da doce Mazé. Ela mantinha dos áureos tempos o molejo dos ritmos cariocas e a brejeirice das garotas das calçadas de Ipanema.

Seu olfato ainda trazia o cheiro da brisa marinha. Sua leveza fora ceifada por João, que a roubara da bossa do Rio para montar família em Uberaba.

E o corpo foi perdendo o bronzeado, debruçado na extenuante lida caseira. Passara sua rotina na Rua Aurora, número 20. Solitária, aquecia-se ao sol esmaecido mineiro todas as manhãs, cultivando as lindas rosas de seu jardim. À tarde, alquebrada, na cadeira de balanço, com o xale de fuxico, conversava com as nuvens, personagens de seu passado.

Cismava, por horas, visualizando barcos se afastando no horizonte, a brancura das areias de Ipanema, o show de fogos na passagem de ano em Copacabana, os bares na Avenida Atlântica, os bailes no Clube Tatuí em Ipanema, os barquinhos do Posto 6 e tantas outras imagens que povoavam diuturnamente sua mente senil.

João, que partira há algum tempo, Letícia, a amiga de infância e ainda uma legião de seres se delineavam conforme apertava a saudade ou lhe ditava a carência.

Com a escuridão tomava delicadamente o lampião e se dirigia ao pequeno quarto onde fervorosas orações dissipavam qualquer ranço de melancolia da alegre paisagem que deixara. Nos sonhos, como Penélope, tecia um imenso e intenso imaginário de céu.

Certa noite, seu querido João, perfumado como nos tempos de outrora, surgiu garboso em seus sono, de chapéu panamá e terno de linho bem ajambrado, tomou-lhe novamente aos braços e carinhosamente confessou:

– Não quero mais esse negócio de você longe de mim...

No dia seguinte todas suas rosas brancas despetaladas forravam o chão do jardim e os pedúnculos balouçavam solitários ao sabor da brisa outonal.

A Biblioteca em todas as suas possibilidades e Eu, o Bibliófilo

Tateio o dorso dos livros
onde há múltiplas vidas
delineadas em misteriosas palavras
e em cada prateleira nos volumes
explodem personagens inusitados
que norteiam nossos dias

Títulos pululam
autores multifacetados
em caleidoscópios de possibilidades
científicas, ficcionais, realistas
me debruço em histórias não minhas
e as absorvo vorazmente, por inteiro

Romances de povos
lendas, paixões, sabedoria
relatos de vidas pregressas, biografias
na viagem das letras
transmuto-me no outro
e incorporo suas idéias
posso sua alma lentamente
no ritual do prazer da descoberta
da amplitude da criação humana
espelhamento da condição Divina...

Anatomia de Piracicaba

No corpo de uma vivaz cidade progressista
águas banham em rio, córregos e ribeirões
Universidades que norteiam seus destinos

E da terra produtiva em sua força industrial
um labor encantado pela pujança da cultura
daquela emoção cabocla inserida no ambiente urbano
quando o Folclore colore o cinza do progresso

No biotipo de um povo bandeirante
Que aqui aportou fazendo história
Há energia da cana, da moenda, do retirante
Do coração pulsante do povo paulistano

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira n° 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

A mutação das fadas

O quintal da casa continuava em um bosque, igual àqueles que existem na imaginação das crianças.

Grossas árvores centenárias coloriam de verde a paisagem. O chão, forrado por grossa camada de folhas secas e em decomposição, pincelando o local com nuances que iam do amarelo ao avermelhado.

A cada passo dado seu amassar ecoava singela melodia junto com agradável odor de musgo úmido.

Raios de sol por entre as árvores espaçadas se desenhavam ao refletirem-se nas gotículas de vapor e pólen suspensas no ar.

Um ou outro pássaro quebrava o silêncio com seu cantar, convidando ao descanso do corpo e elevação do espírito.

Então, no pé da árvore, a terra começa a fender. Racha, e de dentro dela começa a sair horrendo ser escuro, parecendo asqueroso verme, com pernas angulosas e peludas e com espécie de gancho nas pontas.

Após um longo sono de dezessete anos, aquele monstro acorda. Ninguém sabe o que o despertou. Da terra mater, surgem aos milhares, milhões, incontáveis.

Com suas patas em gancho, vão subindo pelos troncos arbóreos quando desce o véu da noite negra.

Iluminados pela lua cheia, foram os troncos das árvores, como um horrendo exército de monstros. Param, agarrados em diversas alturas das plantas .

Em dado momento, seus dorsos se partem, numa metamorfose fantasmagórica ao luar. Dali emergem seres alados, com suas asas transparentes e rendilhadas, parecendo feitas de papel de seda.

No dia seguinte, um verdadeiro concerto musical ecoa pelo bosque.

São as fadas cigarras, anunciando o verão. Emergiram das trevas onde estiveram hibernando por dezessete anos, para, por alguns dias cantando, procriar o eterno ciclo da vida.

O tempo e o ponto

No paradoxo do tempo, estou eu.

No fim, onde tudo se inicia.

No começo, onde tudo se acaba.

No macro, que se inicia no micro.

No ponto, que de tão minúsculo, infinitamente pequeno, se iniciou, através do big-bang, o sem-fim infinito, estou eu.

Do nada, veio o tudo.

Da singularidade, o ponto de quando o tempo/espaco não existia, veio a dualidade. Do espaco, veio a reta, que no infinito, segundo os físicos, se encontra a si mesma, tal qual o ouroborus que abocanha a própria cauda tentando devorar a si mesmo e assim desaparecer novamente na singularidade da matéria.

Na nossa mente pequena, costumamos imaginar o tempo passado, presente e futuro. Na nossa realidade intuitiva, porém, sabemos que somos todos raios de luz vindos de um mesmo sol, de um mesmo ponto de singularidade.

Somos, portanto, partes do todo, sem velocidade, sem espaco nem tempo.

Basta eu parar, entrar em mim, que volto no tempo e me encontro no ponto.

Caminhando e meditando

Cai a tarde.

São mais ou menos dezoito horas, a hora da Ave-Maria.

Estou caminhando, como quase sempre faço, para exercitar o corpo físico, e lendo, ao mesmo tempo, para exercitar o intelecto.

Agora, sento-me no teatro de arena no Parque da Rua do Porto, bem embaixo de uma amoreira carregada de frutos, e que me cede algumas de suas delícias vermelhas, quase pretas.

À minha direita, chega um passarinho para também comer amoras e me ensina uma grande lição. Esse ser alado come as amoras bem verdes e olha para mim como a me dizer:

– “Você come as frutas vermelhas e eu as verdes. Qual a mais gostosa?”

Apanho uma fruta verde e ele voa para não sei onde, me deixando sem resposta.

Durante a caminhada, eu vinha lendo um artigo – não importa de que religião ou de qual filosofia – que dizia ser aquela a verdadeira sabedoria, a verdade eterna, a verdadeira amora vermelha.

Mas, o passarinho gosta da verde...

Qual a melhor? A amoreira tem frutas verdes, vermelhas, e também, olhem no chão, tem as amoras pretas, bem podres, cheias de vermes que se deliciam com elas.

Qual a melhor? A vermelha, a verde, ou a preta?

Obrigado vermes, vocês também resolveram reforçar minha lição.

Todas as amoras vêm da mesma amoreira e nenhuma é melhor do que a outra.

Para mim, a melhor é a vermelha. Para o passarinho, a melhor é a verde. Para o verme, a melhor é a podre.

Assim são as religiões, as filosofias. Todas são ótimas para a pessoa certa, no momento certo, no lugar certo. A melhor é aquela que estou seguindo neste instante, pois não existe nenhuma superior a outra. Cristianismo, Budismo, Islamismo, Induísmo, Espiritismo e outros ismos e sofias, todas são boas para a pessoa certa, no momento certo, no local certo.

Devemos ter muito cuidado de não cairmos nessa arrogância sutil que é a arrogância espiritual de achar que só nós estamos com a verdade.

Seja a amora vermelha, verde ou podre, cada uma cumpre sua função. Basta abrir os olhos da intuição e “ver” a lição, tão clara a sua frente.

Obrigado, amoreira. Obrigado, passarinho. Obrigado, verme. Vocês me ensinaram uma grande lição pela intuição, mais do que o livro que eu lia, pelo intelecto.

Ensinaram-me que tudo é benéfico no momento certo, no tempo certo, no lugar certo.

“Quem tem olhos para ver, que veja!”

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS FERRARI
Cadeira nº 12 – Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

Toque mágico

As ideias são, provavelmente, como inúmeras estrelas amontoadas entre nuvens e miragens. Elas estão lá, distantes, ocupando cada uma o seu lugar no ordenamento do cosmos. Inalcançáveis algumas durante um longo tempo, até que alguém descubra o seu brilho e, tendo-a dominada em suas mãos, a exiba para conhecimento coletivo; fáceis de encontrar outras tantas, daí se tornam comuns, simples, meras. Quando, repentinas como uma aparição, elas explodem e surgem maravilhosas, o mundo as recebe eufórico e delas faz uso deixando-as expostas, à vista, e já então tais ideias tomam o nome de seus desbravadores e se tornam propriedade humana. As ideias renovam a existência e dão um novo alento, alegrando e trazendo o ardor de diferentes luzes, e o seu brilho enche o espaço, ocupa posições, apaga a escuridão da ignorância. Porque o não-conhecer é o mesmo que não ver, tal qual o ser sem saber, o estar vivo quase sem perceber. Completa cegueira, enfim. O mundo necessita, sempre, de ideias recém-brotadas, de novidades oriundas das tempestades cerebrais que trazem a lume um conjunto de benefícios para melhorar a qualidade de vida dos seres humanos. Sem isso, desprovido desse vislumbre e dos devaneios dos visionários, é perceptível uma estagnação capaz de retardar a evolução do homem, o que faz com que tudo se assemelhe, destarte, a repetitivos momentos de mesmice, a todos cotidianos niilistas e sem a menor graça. E o nada é somente escuridão, espelho do vazio, vereda tolhida por demasiados óbices, letras borradas, visão sobejamente turva. Por sua vez o aquilo de sempre, o mesmo deprimente e suas vertentes habituais tornam o dia após dia meio que nulo e descolorido, pois a revelação e a surpresa são inesperadas pérolas de mudança imprescindíveis e sempre bem-vindas. Estar vivo é não apenas aguardar a passagem do tempo, mas se possível tentar moldá-lo, fazê-lo trabalhar em nosso prol, procurar escolhas diferentes, pintar a lua de vermelho, por exemplo,

cobrir o sol com a mão, pintar as nuvens com cores abstratas, torná-las multicolores, o *sui generis* enfim. Daí o turbilhão de ideias ser o algo mais, aquele sub-reptício toque mágico capaz de conquistar e cativar, de acender fogueira ao redor das geleiras, de sonhar voando porque asas surgiram do além-imaginado, de andar de bicicleta no espaço como numa aeronave e tendo como moto propulsor apenas a força do pensamento e da fantasia. O horizonte é vasto, sem dúvida. Ter novas ideias é repensar a rotina, trabalhar a mente para que permaneça sempre jovem e ativa, é fazer do diferente e do estranho o igual e o interessante. Fará a sociedade sorrir e ser melhor. Sejam, então, as ideias almejadas a todo instante, procuradas como se busca inteiramente um tesouro por demais precioso. O objetivo é, conforme está explícito, o discernimento do oculto, vasculhar o escondido, avistar novos horizontes. E que venham abundantes, em cascata para nos deixar, a um só tempo, atônitos e encantados, sorridentes, felizes, também ansiosos por muitas ideias, todos os dias, na vida de cada um dos senhores formandos.

Finalizando, quero lembrá-los de que essa vida, pela qual somos os responsáveis, não nos é dada feita, prontinha como um programa de televisão, que podemos apreciar, sem muito esforço pessoal, confortavelmente numa poltrona... Grande parte dela começa a partir de hoje, com a formatura de cada um dos senhores.

Que Deus abençoe a todos. Boa noite...

(Extraído de discurso proferido pelo autor, como patrono da turma de 2011, Curso de Administração, Faculdades Integradas Maria Imaculada)

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Júnior

Janelas que falam

Janelas servem de ligação do interior com o exterior e vice-versa. Elas diferem uma das outras, dependendo de onde estão inseridas, tornam-se peças principais numa parede, são como ornamentos da arquitetura. Mas elas trazem consigo os pensamentos dos que estiveram no seu peitoril, observando a paisagem que se descortinava para além dos seus olhos. Imaginem janelas de casas antigas e senhoriais. Como foram os olhares através dessas janelas, qual seria a tônica do seus pensamentos? Uma sinhá, senhora do proprietário de engenho ou a sinhazinha, com seus passos restritos pelo poder patriarcal vigente na época, naturalmente se quedavam debruçadas à janela cismando novos ideais de vida, para além daquelas dimensões impostas, com olhos embebidos nos ipês floridos, que com o passar dos meses, iam apresentando suas flores: umas roxas, depois amarelas e finalmente brancas, mas suas vidas eram de cotidiano rotineiro, não tinham como serem modificadas. Nas janelas gradeadas das senzalas os escravos olhavam ao longe sonhando com a liberdade.

Pelas janelas de um colégio interno as jovens ansiavam com uma juventude mais vivida e solta. Elas deveriam olhar através dos janelões como pássaros presos em suas gaiolas. Janelas de presídios então, o que será que se passa na cabeça desses detentos? Coisa boa não deve ser.

Mas há janelas de onde se descortina a beleza de um jardim, rios abundantes, ou ribeirinhas como as da Rua do Porto ou como a Casa do Povoador, fundador da cidade. Que privilégio ele sair à janela fumando seu cigarrinho de palha de milho, soltando baforadas e observando aquele paraíso. Certa noite pude observar da janela dessa casa, holofotes iluminando o véu da noiva e a lua cheia rivalizando com ela. Foi de tirar o fôlego! O capitão não poderia pensar em coisas tristes olhando por essas janelas! Acho que só lhe passava pela cabeça sentir o romantismo encher o seu coração!

Janelas onde namoradas ficavam à espera do amado, como Romeu e Julieta, Rapunzel e outras mais com que a literatura nos premiou. Em várias histórias literárias é evidenciada a janela. Estava andando por uma rua e me detive observando uma casa velha, em ruínas, com suas janelas arrebitadas, tristes e sem vida. O cheiro de mofo exalava do seu porão escancarado, sem a grade, e pensei: quanta história se passou no seu interior, quantos nascimentos e mortes, o vivenciar das famílias que guardavam seus segredos, que nem as lufadas dos ventos quebrando as folhas de suas venezianas conseguiram levar e esconder!

As janelas dos hospitais são a esperança buscada pelos doentes que lutam entre a vida e a morte. Para elas dirigem seus olhares, na ânsia de saírem dali com saúde e ganharem a vida lá fora.

O Patrimônio Público preserva antigas casas, que são tesouros guardados, onde viveram pessoas ilustres e personalidades como Prudente de Moraes, que foi presidente do Brasil. Fica-se a imaginar como era o cotidiano naquela casa. Assim também outras casas de artistas e mesmo de tipos populares, que tiveram personalidade marcante e que talvez usassem suas janelas para extrair o conteúdo para seus talentos desabrocharem, como é o caso do quadro "O Violeiro", de Almeida Júnior. Suas energias ainda devem permanecer entre suas paredes. É um tributo a que têm direito, porque muito nos deram.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS JORGE
Cadeira n° 22— Patrono: Erotides de Campos

Ninguém lamentará

Ninguém lamentará a minha morte mais do que eu, porque não poderei continuar apaixonado e amando, cada vez mais, uma mulher.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM

Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini

Indagações

Como Presidente fundador da AAAP (Associação de Amadores de Astronomia de Piracicaba), na década de 1980, iniciamos, também, uma luta juntamente com um grupo de aficionados sobre a matéria, para a criação de um Observatório Astronômico Municipal, que se deu em novembro de 1992, na Administração do ex-Prefeito Dr. José Machado e com apoio da ESALQ, que cedeu uma área, localizada no início da rodovia Piracicaba-Rio Claro. O Observatório hoje recebe centenas de alunos, visitantes e turistas da cidade e região, para aulas e observações astronômicas, ministradas pelo insigne astrônomo Nelson Travník, aplaudido pelas suas atuações, profundo conhecimento sobre a matéria e detentor de inúmeras condecorações nacionais e internacionais.

Indagado por mim sobre os tópicos abaixo, ele relatou e nos prestou as seguintes explicações, que levamos ao conhecimento dos nossos leitores.

DE ONDE VIEMOS?

Essa pergunta que há milênios aguça o espírito humano, sempre encontrou uma resposta fácil para as mais variadas crenças. Para a ciência, contudo, o assunto foi sempre de extrema complexidade.

Apesar de haver teorias correntes, a formação do Big Bang, expressão inglesa usada pela primeira vez pelo astrônomo inglês Fred Hoyle (1915 – 2001), é a mais aceita pelos astrônomos. É o modelo mais simples e preditivo que conhecemos, muito embora envolva cálculos extremamente complexos. A radiação de fundo e a expansão do universo são uma das razões para aceitar a grande explosão. Contudo alguns estudiosos aventam a possibilidade de existirem outros universos. O nosso nasceu há 13,7 bilhões de anos. Antes disso, segundo a Teoria da Relatividade do alemão Albert Einstein (1879-1955), o espaço e o tempo não existiam e surgiram com o Big Bang. Segundo os astrofísicos, não faria sentido pensar em um momento anterior a esse evento. Viemos, portanto, de um

ovo primordial cuja expansão deu origem às nuvens moleculares, às estrelas, destas aos planetas e destes ao surgimento de vida como conhecemos.

O QUE SOMOS?

Enquanto a Filosofia e a Teologia se debruçam sobre questões que não têm necessariamente uma resposta, é a ciência (notadamente a Biologia e a Química), que tenta responder o surgimento da vida nesse planeta que parece ter se originado nos oceanos. As primeiras vidas eram de bactérias anaeróbicas que viviam nas regiões de atividades vulcânicas no fundo dos oceanos. Após vários eventos cataclísmicos locais e vindos do espaço exterior, esses organismos quase se extinguiram, mas conseguiram sobreviver até os dias atuais, usufruindo da energia dos vulcões e por meio da evolução. Por conseguinte, todos os seres vivos de hoje são descendentes dos sobreviventes desses eventos. A química que criou a vida na Terra surgiu espontaneamente da interação durante bilhões de anos de moléculas cada vez mais complexas. Contudo a Complexidade de produzir vida inteligente é incomensuravelmente maior do que a de gerar bactérias e outras formas primitivas de vida. O fenômeno vida, contudo, é universal e acontece quando em ambiente favorável as moléculas, principalmente dos átomos de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio, vão se combinando aleatoriamente, formando complexos orgânicos até gerar ácidos nucleicos (DNA, RNA). Segundo Carl Sagan (1934-1996), “a química que criou a vida na Terra é reproduzida facilmente por todo o cosmo”. Os átomos que formam nosso corpo foram criados há muitos bilhões de anos, sintetizados no núcleo do sol e recombinações extraordinariamente de maneira a constituir a vida. Somos, por conseguinte, filhos do Sol e nossa origem remonta ao âmago dessa estrela.

ESTAMOS SÓS NO UNIVERSO?

Pelo acima exposto é óbvio concluir que seria muita pretensão achar que na imensidão cósmica somente um planeta abriga a vida, inclusive inteligente. Seria raciocinar como os crustáceos, para os quais nada existe além da superfície dos oceanos. Por isso alguns astrônomos já arriscaram a dizer que nos próximos 25 anos, quando o projeto ALMA, o mais poderoso radiotelescópio da humanidade, estiver concluído em 2012 no deserto do Atacama, região de Cha-

jnantor, Andes chilenos, estaremos recebendo a primeira resposta aos nossos sinais: “também estamos aqui”! Quando isto acontecer todos irão lembrar-se de Giordano Bruno (1550-1600) em seu livro “Del Infinito Universo e Mondi”: “Há incontáveis terras orbitando em volta de seus sóis da mesma maneira que os seis planetas do nosso sistema... Os incontáveis mundos no universo não são piores nem menos habitados que a nossa Terra”. Também irão lembrar de Camille Flammarion (1842-1925), que em 1862 publicou o livro “A pluralidade dos Mundos Habitados”. O primeiro foi queimado vivo pela inquisição por tamanha heresia e o segundo foi demitido por U. Leverrier, diretor do Observatório de Paris por publicar uma idéia medíocre e fantasiosa. A confirmação de mortal na crença de que o homem é o centro da criação e que nada é mais perfeito que o planeta em que vive. Quem viver verá.

ONDE ESTAMOS E PARA ONDE VAMOS?

A introdução do telescópio, dos radiotelescópios, sondas espaciais e os progressos das teorias físicas, permitiram aos astrônomos traçar um quadro fiel do lugar que ocupamos na imensidão cósmica. Somos o planeta Três preso à atração gravitacional de uma estrela amarela que nos faz percorrer 29,5 Km/s ao seu redor. Por sua vez, o Sol com seu séquito de planetas, satélites, asteróides, meteoritos e cometas, avança célere a 280km/s para um ponto na esfera celeste a 10°SW da estrela Vega da constelação da Lira. Por sua vez, o sistema solar está situado num dos braços da galáxia, espiral, Via Láctea, distante 30 mil anos-luz do seu centro. Para completar uma volta na galáxia, o sistema solar necessita pouco mais de 200 milhões de anos. Mas a coisa não termina aí. Os astrônomos chegaram à conclusão de que a nossa galáxia está em rota de colisão com a de Andrômeda, algo que irá ocorrer daqui a 5 bilhões de anos. Ambas irão se interagir a exemplo desses eventos flagrados pelos grandes telescópios. Esses são, pois, resumidamente, os parâmetros ditados pela Astronomia. Ela é única ciência que possibilita isso.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE
Cadeira nº 23– Patrono: Leo Vaz

“Pulverizar”, sim, Antonietta!

A morte da diretora do Jornal de Piracicaba, Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso, impõe-me, num momento de profunda emoção, uma rápida análise do que foi o seu trabalho em defesa e para incentivo dos jornais impressos no Interior do Brasil. Fomos, desde 1980/82, companheiros de ideais na Associação de Jornais do Interior do Estado de São Paulo (Adjori-SP) e no Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais do Estado de São Paulo (Sindjori-SP), entidades que reúnem a maioria absoluta dos diários, bi, tri e semanários, assim como quinzenários e mensários que circulam nos mais de 600 municípios paulistas. Foi secretária, tesoureira e presidente de ambas e deixou um legado que, hoje, as empresas jornalísticas do Interior reconhecem como realidade.

Seu trabalho como advogada, visão de uma jurista formada nas Arcadas (Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo – USP), somando-se à experiência de filha, sobrinha e mãe de donos de jornal, traçou para os jornais locais caminhos que servem como bússola de tantos idealistas que sonham com a construção de uma sociedade cada vez mais justa e humana. Dizia a então presidente Antonietta Rosalina, no discurso de posse, que os jornais do Interior assustam governos porque eles “pulverizam” as ideias, mostram caminhos diferentes e não ficam somente nas mãos de poucos “tubarões” que tentam agrupar seus interesses e se esquecem dos interesses dos leitores, do público como um todo. Jornal local é o que mantém o contato direto com o leitor, que vive os problemas e as glórias do cidadão e enriquecem a comunidade quando aplaudem ou quando cobram das autoridades locais decisões em favor da sociedade.

Isso fizemos – muitas vezes, eu como secretário e depois presidente da Adjori-SP – como verdadeiros pregadores, ocupando espaços pequenos, mas que recebiam essa mensagem da importância e necessidade do veículo local de comunicação impresso. Fomos de

Ilha Solteira a Taquarivaí, do Guarujá a Votuporanga, de Ubatuba a Valparaíso, cruzamos o Estado de São Paulo (e outros Estados também) nessa pré-dica, exatamente na virada das décadas de 80 para 90, quando os jornais, especialmente os que possuíam oficina impressora, mudavam definitivamente do processo quente para o frio, isto é, deixando as linotipos com chumbo e impressão plana, para a composição fria (offset) com impressão rotativa. Foi uma mudança extrema, da noite para o dia, em que as empresas jornalísticas derreteram o passado, mandaram-no para as caldeiras e investiram tudo de novo, como ocorreu com os jornais das capitais também. Mas o nosso foco, de Antonietta Rosalina e meu, representando as entidades, era o jornal local.

É que o jornal local “pulveriza”, repito. Em seu discurso de posse, em Águas de Lindoia, na presidência da Adjori-SP, e depois na despedida em Serra Negra, ou ainda na posse como presidente do Sindjori-SP, Antonietta foi de uma perseverança extrema, de uma dedicação total, até de uma ousadia, ao afirmar que seria impossível aos governos qualquer controle de tantos e tantos “grandes jornais pequenos”, apesar de existirem, também, “grandes jornais grandes”. Ela me alegrava nos elogios que me fazia porque eu desejava repetir as explicações sobre a colocação correta dos adjetivos qualificativos. Seu verbo “pulverizar” calou-me, cala-me até hoje, e cala em todos os que fazem jornal local com a independência necessária na defesa do leitor-cidadão.

Foi Antonietta que, por bondade aos meus esforços como jornalista e dono de jornal, me indicou para representar o Brasil na Argentina e, de lá, trazer o Projeto Jornal na Escola. Foi minha primeira viagem internacional, em 1989, sempre no sonho de fazer um jornal local do melhor possível. Era estimular o ensino com uso do jornal em sala de aula, hoje uma realidade para inúmeros jornais, grandes ou pequenos. Ela sentia os ideais do amigo, que não era e não é um concorrente, mas um fiel defensor do veículo impresso que fica perto do cidadão, aquele que é cobrado no dia-a-dia da comunidade, e responde à altura para que a empresa tenha o faturamento necessário para a sobrevivência. É, sim, o que “pulveriza” as ideias e não permite a centralização de interesses. É, sim, o que espalha, pois são muitos e muitos são os jornais que podem aparecer como respiro da democracia. Outros veículos, como rádio e televisão, não; estes são concessão estatal.

Num dos maiores encontros de jornais que realizamos, em Votuporanga, ao discursar, usei uma expressão – ensinada pelo clássico Antônio Vieira – de que “o Evangelho deve ser espalhado na Terra como Deus espalhou as estrelas no céu”, para afirmar que os “jornais impressos devem ser espalhados na terra, como as estrelas foram espalhadas no céu”, e a amiga e incentivadora Antonietta Rosalina veio me cumprimentar, abraçando-me para dizer, segundo ela, da “beleza da comparação”, de que eu tinha sido feliz para que o secretário de Comunicação do Estado, Eurico Andrade (governo Fleury Filho), pudesse ouvir e entender.

O bom amigo Eurico entendeu, sim. Mas eu quis dizer, naquele momento, como digo agora com saudade, que é preciso “pulverizar”, sim, Antonietta.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

No vai e vem, Sapucaia também

Majestosa rainha,
Alegria popular.
O povo caminha,
Feliz a cantar.

Descendo e subindo,
A canseira desaparece.
Multidão segue rindo,
A euforia permanece.

Tristeza não existe,
Todos desejam união.
O amor persiste...
Elevando o coração.

Sapucaia no vai e vem,
Vivemos esta magia.
Nesta eu vou também,
Na veste da fantasia.

Brilho Divino

Brilho tão divino,
Nasce no esplendor.
Feliz Deus Menino,
Nosso Salvador.

Ternura cantar,
Dorme em paz Jesus.
Anjo a proclamar:
– Ele nos conduz.

Sinos de Belém,
Soam sem cessar.
É Ele quem vem,
Nos abençoar.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Ameaças ao meio ambiente

No final do século XX os cientistas chegaram à constatação da fragilidade dos ambientes, tanto terrestres como aquáticos, ameaçados pela poluição e pelo aquecimento global.

As florestas tropicais, que fornecem a maior parte do oxigênio necessário à respiração dos seres vivos, estão sendo devastadas, principalmente na África, na América do Sul e no Sudeste da Ásia. A camada de ozônio que nos protegia contra as radiações nocivas, como os raios ultra-violeta, está ficando cada vez menor.

Os problemas ambientais têm origem no mau uso do solo e no aumento da industrialização. A erosão do solo e a mineração a céu aberto deixaram cicatrizes na área rural. Na zona urbana, as cidades foram crescendo e as fábricas e veículos foram se multiplicando, liberando substâncias tóxicas no ar. Com a tendência de outros países também se desenvolverem, aumentando a industrialização, a poluição poderá levar a Terra a uma catástrofe ecológica.

A poluição do ar é causada por várias fontes: a) motores de combustão interna, que produzem dióxido de carbono, hidrocarbonetos e óxidos de nitrogênio; b) usinas elétricas movidas a carvão e outros processos industriais que liberam óxidos de enxofre e nitrogênio que, combinados à umidade atmosférica, produzem os ácidos sulfúrico e nítrico, ocasionando as chamadas “chuvas ácidas”, que causam sérios danos às plantas e aos animais; c) queimadas anuais de restos de culturas e sobras de capim das pastagens, que produzem fuligem e gases tóxicos.

A poluição da água é provocada por resíduos industriais e domésticos, bem como vazamentos de navios e tubulações, causando sérios danos às várias formas de vida aquática.

A poluição do solo é causada principalmente pelo uso de agrotóxicos ou defensivos agrícolas – inseticidas, fungicidas, herbicidas etc.

Em consequência da emissão de gases na atmosfera, ocorre o chamado "efeito estufa", que provoca o aquecimento global – processo lento e gradual. As temperaturas médias da Terra aumentaram cerca de 0,5 grau centígrado no último século. Os cientistas preveem que, se o clima continuar a se tornar mais quente, as geleiras das calotas polares tendem a derreter-se e a liberar mais água para os oceanos, elevando o nível dos mares. A projeção para o futuro é preocupante, podendo ocorrer o desaparecimento das ilhas baixas e a inundação de cidades litorâneas, como Veneza, Rio de Janeiro, Santos, Nova York etc.

A Ecologia e as plantas

Ecologia é o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente em que ocorrem. No caso das plantas, além do ar atmosférico (fonte de oxigênio e gás carbônico) e da água e nutrientes minerais (nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio etc.) retirados do solo, elas necessitam de luz (fotossíntese) e de temperaturas adequadas para o seu desenvolvimento.

Assim, o clima é um fator importante na distribuição das plantas, permitindo distinguir: a) plantas das regiões tropicais (seringueira, cacauzeiro, cana-de-açúcar); b) plantas das regiões temperadas (oliveira, trigo, aveia); c) plantas das regiões áridas e semi-áridas (cactos, tamareira, barriguda).

No tocante à necessidade de água, distinguem-se: a) plantas aquáticas (aguapé, cabomba, vitória-régia); b) plantas hidrófitas (arroz, tabôa, agrião); c) plantas mesófitas (milho, cafeeiro, laranjeira); d) plantas xerófitas (cactos, juazeiro, faveleira).

Quanto à relação entre plantas, distinguem-se: a) simbiose – interação mutuamente benéfica entre duas plantas, sendo o melhor exemplo os líquens, constituídos pela associação de uma alga com um fungo; b) plantas epífitas, que se desenvolvem sobre outras plantas sem parasitá-las (orquídeas, cipós); c) plantas parasitas de outras plantas (cuscuta, erva-de-passarinho); d) plantas invasoras de culturas, também chamadas ervas daninhas (grama-seda, tiririca, carrapicho).

Esclarecendo algumas dúvidas

a) Por que o nome banana-nanica, se ela é grande? – O nome se aplica à bananeira, que é pequena ou nanica, em relação às outras variedades. Mede entre 1,2 e 2,4 metros de altura, enquanto a banana-prata, por exemplo, alcança 4 – 5 metros.

b) Antártida ou Antártica? – O nome do continente gelado, situado na região polar sul, é chamado ora de Antártica, ora de Antártida. O Dicionário Onomástico da Língua Portuguesa, produzido pela Academia Brasileira de Letras, registra as duas formas. Outras enciclopédias e manuais registram apenas a forma Antártida. Pode-se considerar as duas formas corretas, embora a grafia Antártida seja a mais empregada.

c) Por que os Estados Unidos têm o apelido de Tio Sam? – A expressão surgiu em 1.812, durante a guerra entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Na cidade de Troy, estado de Nova York, um homem chamado Samuel Wilson era fornecedor do governo dos Estados Unidos. Conhecido como “Uncle Sam” (Tio Sam), suas cargas vinham marcadas com suas iniciais, US, as mesmas dos Estados Unidos (United States). Logo o nome virou apelido do governo americano e, mais tarde, passou a designar também o próprio país.

d) Por que os anos em que ocorre o 29 de fevereiro é chamado bissexto, se isso só acontece a cada 4 anos? – Por terem um dia a mais, os anos em que ocorre o 29 de fevereiro têm 366 dias. Em 366, o algarismo 6 aparece duas vezes, daí a designação bissexto.

e) Por que o girassol tem esse nome? – A planta conhecida com girassol tem esse nome porque as suas inflorescências giram lentamente, acompanhando o movimento do Sol, devido ao fenômeno denominado heliotropismo positivo.

f) Quem escreveu a Bíblia? – A Bíblia é composta de 73 livros, dos quais 46 pertencem ao Antigo Testamento e os outros 27 compõem o Novo Testamento. Além de Mateus, Marcos, João e Lucas, os evangelistas que redigiram a maior parte do Novo Testamento, calcula-se que pelo menos mais 23 autores contaram as demais histórias, em um decurso de cerca de 1.600 anos. Entre eles estão profetas, reis, escribas e poetas.

g) Por que quem nasce em Salvador (Bahia) é chamado sote-

ropolitano? – A origem vem do grego “soter”, que quer dizer salvador; e “polis”, que significa cidade. Continuando nesse raciocínio, quem nasce em Soterópolis é soteropolitano. Não existe registro de quem criou essa palavra.

h) Palavras parônimas

Algumas palavras são semelhantes, mas possuem significados diferentes (parônimos), o que pode causar confusão entre as pessoas menos esclarecidas. Por exemplo: decente, descente, docente, discente:

Decente – aseado, apropriado.

Descente – que desce, vazante.

Docente – que ensina, professor.

Discente – que aprende, aluno.

i) Ótico e óptico:

Ótico – relativo ao ouvido ou audição.

Óptico – relativo à vista ou visão. A parte da Física que estuda a luz e os fenômenos da visão chama-se Óptica.

j) Por que os povos orientais são chamados de amarelos? – Por causa do rio chinês Hoang-Ho (rio Amarelo), que tinha uma lama amarelada. Na época das inundações, a lama se espalhava pelas margens e aldeias próximas e a população atingida ficava com o corpo e as roupas tingidas de amarelo. Por isso, os chineses ganharam o apelido de “amarelos”, que depois foi estendido a outros povos orientais.

k) Qual a origem das palavras fulano, beltrano e sicrano? – Fulano vem do árabe “fulam” (tal). No espanhol do século XIII, fulano era adjetivo, mas depois tornou-se substantivo que designa um indivíduo não identificado. Beltrano vem do nome próprio Beltrão, muito popular na Península Ibérica. A terminação em “ano” surgiu por analogia com fulano. Quanto a sicrano, sua origem é desconhecida.

l) De onde vêm os títulos honoríficos?

Magnífico – vem do latim “magnus”, que significa imponente, grandioso.

Alteza – derivado do latim “altitia”, que significa altura.

Reverendíssimo – proveniente do latim “reverendissimus”, superlativo de “reverendus”, ou seja, aquele que é venerável ou digno de veneração.

Majestade – vem do latim “maiestas”, que significa grandeza, poder, dignidade.

Meritíssimo – derivado do latim “meritissimus”, superlativo de “meritus”, que significa merecedor (no caso, merecedor de respeito).

Excelentíssimo – vem do latim “excellentissimus”, superlativo de “excellens”, que significa aquele que excede em altura, que sobressai, que é superior.

Santidade – proveniente do latim “sanctitas”, que indica o que é sagrado.

j) Como surgiu a frase “Torre de Babel”? – Segundo a Bíblia, depois do Dilúvio os descendentes de Noé se instalaram na planície de Sinai; e logo começaram a construir uma grande torre para alcançar o céu. Indignado por essa ousadia, Jeová (ou Deus), como castigo, semeou a confusão entre eles, fazendo com que passassem a falar línguas diferentes. Por esse fato, a palavra “babel” passou a significar confusão, sendo que, originalmente, babel significava “perto de Deus”.

k) De onde veio o nome hipopótamo? – A palavra hipopótamo vem do grego “hipo” = cavalo e “potamos” = rio. Portanto, significa cavalo do rio. Todavia, o hipopótamo não tem parentesco com o cavalo, e sim, com o porco.

l) Por que os italianos são chamados de carcamanos? – O apelido é bem antigo e vem do fato de que os italianos que vendiam produtos alimentícios costumavam colocar a mão na balança para aumentar o peso da mercadoria. Por isso, passaram a ser chamados de calca (do verbo calcar) e mano (mão em italiano), que depois passou a carcamano.

m) O que “camelô” tem a ver com camelo? – Absolutamente nada. Camelo vem do latim “camelus” e “camelô” é uma palavra francesa que se aplica ao mercador que apregoa a venda na rua, ilegalmente, de produtos de pouco valor.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS
ALVIM**

Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Declaração de amor aos livros

Desde minha tenra idade, o mundo das letras, palavras e frases fascina-me. Fui apresentado a esse empolgante universo pela minha mãe, inicialmente no lar, por meios lúdicos, folheando livros e revistas, fazendo desenhos, recortes e pinturas, e, depois, aos sete anos, por ela mesma, no Grupo Escolar “Castro Alves”, em Vera Cruz, pequena cidade paulista onde nasci, e no qual tive a alegria de tê-la como professora do primeiro ano primário. Foi, portanto, a minha querida e saudosa genitora quem me alfabetizou, usando a “Cartilha Ativa”, cujo método era o sintético, responsável pela leitura rápida que adquiri.

A partir daí, apaixonei-me pela leitura. Estimulado pelos meus pais, também leitores contumazes, tornei-me grande amigo de livros, revistas e tudo o que fosse material impresso. Ainda cursando o primário, pude ler os livros mais importantes para crianças então publicados. Devorei, dentre outras, as famosas obras de Monteiro Lobato, com as suas inesquecíveis personagens: Narizinho, Dona Benta, Visconde de Sabugosa, bem como “Os doze trabalhos de Hércules” correspondendo a uma dúzia de volumes, e vários outros livros de história, dos quais me lembro de: “Reinações de Narizinho”, “Caçadas de Pedrinho”, “O Pica-pau Amarelo”, “Jeca Tatu”, “A Ilha do Tesouro”, “Viagens de Gulliver”, dentre muitos outros. Além disso, minha família assinava revistas infantis, famosas e de grande circulação, que esperávamos mensalmente, vindas pelo correio, como o “Tico-tico” (com histórias do Zé Macaco e Faustina; Chiquinho; Reco-reco, Bolão e Azeitona), “Globo Juvenil”, “Gibi” e muitas outras de cunho moral, cívico, religioso ou de simples entretenimento.

Lembro-me, também, que meu pai era assinante da “Folha da Manhã” (atualmente, “Folha de São Paulo”), jornal diário que chegava da capital paulista pelo trem do final da tarde, com notí-

cias do dia anterior, que era lido avidamente por ele, e igualmente da "Voz de Vera Cruz", este de circulação dominical, do qual meu progenitor era colaborador. Eu gostava de dar uma olhada nos dois jornais e ler neles o que me parecia interessante. Foi esse contato prematuro e desprezioso com os periódicos que me propiciou o único vício: ler jornais diariamente. Quando não posso fazê-lo parece-me que está faltando algo. Se não posso lê-los, guardo-os para dar uma repassada em outro momento, antes de me desfazer deles. Antigamente, quando a tinta dos jornais tinha um cheiro mais forte, eu dizia que era esse odor o que me atraía. Posso dizer que leio jornais desde meus dez anos de idade.

Outro fato interessante, que confirma o meu amor pela leitura e que me faz também voltar à pré-adolescência, foi a transformação da minha incipiente biblioteca, para torná-la um espaço público. Minha família havia se mudado para Piracicaba, onde, inicialmente, moramos numa casa antiga, espaçosa, com garage, grande quintal, pomar, horta, galinheiro, quartinho para despejo e pátio cimentado para jogar bola, andar de bicicleta etc. Havia também, construídos separadamente da casa, mais quatro cômodos, três dos quais usados para instalar o consultório médico do meu pai, destinando-se o que sobrava para ser o local dos brinquedos, onde jogávamos, principalmente, futebol de botão, com participação de vários amigos, meninos vizinhos de quarteirão. Nesse quarto, cujo pé-direito era bastante alto, numa estante com várias prateleiras espaçosas, que iam até o teto, a gente guardava os livros. Os meus amigos, que iam para minha casa disputar os campeonatos de futebol de botão, não resistiam ao desejo de folhear ou de ler aquelas publicações atraentes, às quais muitos deles não tinham acesso por falta de condições econômico-financeiras. Não era incomum um ou outro pedir emprestado para levar para suas casas algum volume. Isso me deu a idéia de organizar uma biblioteca. Com a ajuda de meu irmão, encapamos todos os livros com papel pardo, numeramos os livros e revistas, colando neles algarismos recortados de outros impressos para identificá-los, fizemos o cadastro das obras, bem como dos consultentes. Para ter o direito de retirar o livro e levá-lo para casa, por prazo determinado, o interessado tinha de se associar à biblioteca e pagar uma pequena taxa mensal, que era integralmente revertida para a ampliação do acervo. A iniciativa foi um sucesso e, indubitavelmente, serviu para difundir o gosto pela leitura.

É sabido que a leitura é imprescindível e primordial na formação de um escritor. Para escrever bem é preciso ler muito; não ter preguiça de consultar dicionário, nem de reescrever muitas vezes o mesmo texto. Porque eu comecei a ler muito cedo, também iniciei meus textos poéticos aos onze anos de idade. Fiz poesia na infância e na adolescência e somente nesse período. Escrevi para jornaizinhos escolares e tive o meu primeiro trabalho impresso publicado no “Diário de Piracicaba”, aos 16 anos, por ter obtido uma menção honrosa num concurso de contos de Natal, promovido por esse jornal já extinto.

Nunca mais parei de escrever. Com 20 anos, morando e estudando em São Paulo, fui contratado como revisor de uma revista; dois anos depois eu era o seu diretor-redator. Por onde passei, escolas, empresas, igreja, eventos, clubes, eu semeiei jornais. Fui fundador e sócio-proprietário de “A Província”, juntamente com Cecílio Elias Netto. Escrevi livros. Fiz a edição de muitos outros. Para onde eu vou, levo comigo algo para ler. Estimulo pessoas a lerem. Vibro quando vejo meu neto e minha neta lendo seus livros, juntando dinheiro para comprá-los ou indo ao dentista com um deles sob o braço.

Amo meus livros, adoro a minha modesta biblioteca! O mundo das letras é o meu mundo!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Caderno de receitas

Dia destes, tentando me lembrar de uma receita de bolo, ao invés de digitar no Google, resolvi ressuscitar um antigo caderno esquecido numa gaveta.

Sentei-me para folhear com calma suas páginas amareladas, algumas até manchadas por algum descuido da cozinheira, talvez por uns pingos de calda, gordura de manteiga, não deu para reconhecer a origem do líquido respingado.

Emocionei-me ao reconhecer a caligrafia de minha mãe. Letra redondinha e bem torneada, típica letra de professora. Fui virando as páginas e fartando-me de doces lembranças, de aromas, de sabores, de doçuras feitas por mãos encantadas.

Havia receitas de sonhos recheados, de bolos de chocolate, tortas de nozes e bolos cremosos de fubá. Algumas continham os dizeres: “receita de minha mãe”, isto é, a mãe dela, minha avó.

Imagino quantas vezes essas receitas foram consultadas e reproduzidas em panelas, tachos, assadas em fornos a lenha ou a gás. Não havia ainda a praticidade do forno elétrico ou do microondas.

E as gostosuras sucediam-se: arroz doce, beijo-de-mulata, pavê, cocada de sol, pão de mel, fios de ovos e geleias. De dar água na boca...

Até a receita da tradicional cufa alemã, especialidade de minha Tia Antoninha, quase pude sentir o gosto! Ela assava, colocava quentinha na mesa e acabava na hora! Não sobrava um só farelinho de tão deliciosa. Sempre acompanhada de um café fumegante, doce e encorpado.

E havia as roscas trançadas e polvilhadas com açúcar cristal, manjares, massas folhadas... No Natal era tradição fazer panetones, rabanadas, e o grispede, uma espécie de massa frita, receita italiana.

Minha madrinha, tia Linda, era especialista em balas de coco e de café e incumbida de fazê-las em todas as festas familiares. Ela

“puxava” a massa branquinha, mistura de leite de coco, açúcar e gotas de limão. Depois cortava com tesoura os quadradinhos que eu roubava enquanto ainda quentes. E ela dizia: “espere esfriar!”. Mas o gostoso mesmo era devorar as molengas balas recém cortadas.

As de café eram outra delícia que minha madrinha fazia, e havia também as balas de ovos, bem mais trabalhosas porque a massa de coco tinha que ser envolvida em fina calda de açúcar. O segredo era encontrar o “ponto de bala”. Se ficasse muito mole, escorria, se passasse do ponto, as balas ficavam duras demais.

O pudim de pão velho era receita de minha mãe. Ninguém podia imaginar que um punhado de pão duro amanhecido pudesse virar uma iguaria tão fina e saborosa.

A especialidade da tia Vivica era o quindim lustroso, amarelinho e forrado de flocos de coco na base. Um manjar dos deuses!

E curiosamente, éramos crianças saudáveis e magras. Nada daquilo engordava, apenas adoçava nossa infância. Época em que comer era sagrado, toda a família reunida ao redor da mesa.

Quando dei por mim, haviam se passado horas! Mergulhei naquelas páginas, afundei no marshmallow, me derreti nos sequilhos, me lambuzei em alfajores, bom-bocados, glacês, embriaguei-me com geleias de pinga, rememorei o gosto de infância, e redescobri pedaços de vida de minha mãe, minha avó, tias e madrinhas queridas.

Apenas um caderno de receitas... Segredos culinários que passaram de geração em geração, verdadeiras liturgias celebradas ao pé do fogo, que aqueciam o coração, abrandavam a alma e tornavam a vida mais doce.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA
NEGREIROS ATHAYDE**

Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira

**De rimas e não rimas...
e outros formatos mais**

À tarde

O doce encanto da tarde calma
me alcança a alma sempre a cismar
O ameno enlevo do dia exangue
me agita o sangue, me faz poetar

Será, talvez, por que sem alarde
o fim da tarde desperta amores?
Será, talvez, que essa estranha hora
nos traz de fora tamanhas dores?

Quem sabe, enfim, donde vem um poema?
(atroz dilema que a alma assola)
Talvez do Olimpo onde as Musas cantam
e a voz levantam em barcarola

Talvez das cores, dos sons vagantes
desses instantes de inquietação
Talvez do pranto do povo inerme
que feito verme rasteja em vão

Talvez das iras da população
que toma a praça p'ra protestar
Talvez do grito dos que têm fome
que nem têm nome p'ra assinar

Quem sabe venha desse delírio
que só o martírio sabe plantar?
A fronte curva-se a tal enredo
Pesa o segredo, qual canitar

Entanto, eu sei que a poesia existe!
Alegre ou triste é potente voz
que vem do abismo, ou que vem do espaço
Num longo traço se estende após.

Mas, nessas horas da tarde calma
se agita a alma num tom disperso
Então descubro que, sem alarde,
na branca tarde fala o Universo.

Crepuscular

Nos interstícios do tempo
vagam os sonhos
depredando-se
nos quadrantes dessas horas mortas
sem alarido, sem clarões

Definham, apenas,
apertados entre as rugas
de esperanças envelhecidas
esquálidas, inermes

No ar, somente os restos
de sons imaginários e fugidios
....mero prelúdio da elegia que se ergue
ao fim da viagem melancólica

Enquanto o sono tarda

Gosto de poetar sem compromisso, às vezes
quando essas horas caem vagarosas, mortas
e no espaço deriva o pensamento vago
e as musas, flutuando, vêm bater à porta.

O êxtase, talvez, do verso em desalinho
O silêncio, talvez, a despertar a musa
Talvez a lembrança de um passado extinto
Uma idéia, talvez, da mente já confusa.

Não sei. Mas as estrofes simplesmente nascem
nesses momentos largos, de cismar tristonho
Vultos e castelos perpassam mudos, trêmulos
e se esvaem após, como se fossem sonho.

E as horas vão passando, vagarosas, lassas
E o cérebro ferve no pensar sem fim
Vultos e castelos desmaiam lentamente
enquanto o sono chega...e adormeço, enfim

Variações vocálicas

Sob a luz baça
lampiões da praça,
suor da massa
vertendo a raça,
... vazia a taça.
O grito a medo
não faz segredo,
tem gosto azedo
de samba-enredo,
... fim de folguedo.

longo gemido
quicá transido,
talvez fugido
como um bandido,
... só um apelido.

A noite rola
e a corriola
sem pão, escola,
sorve a marola,
...cheiro de cola.

Infância adusta,
cruel, injusta,
...e a culpa é justa
da luz angusta
que a praça assusta...

Nada

Horas vazias, preenchendo a alma
Horas vazias, que não dizem nada
Horas que passam em estranha calma
Horas parando numa branca estrada

Pálidas luzes, de futuro incerto
Frágeis visões, que esmaecem tontas
Águias feridas já sem rumo certo
Rosário escuro desfiando as contas.

Horas sozinhas, abismando o vácuo
Horas pesadas, vagarosas, mortas
Horas de cismas, mudas, frias, nuas
Singrando inúteis pelas ruas tortas.

Depois... o nada, como se algo houvesse
Depois... o frio, sem haver calor
Horas exaustas no quadrante etéreo
Versos morrendo, sem achar amor.

Alegoria da saudade

A vida inteira, às vezes, se condensa
em momentos assim de nostalgia
(como essa tingindo o fim da tarde)

Das dobras entreabertas do passado
renascem ecos de sons, imagens pálidas
misturando sentimentos já distantes

Na névoa tênue dessas longas cismas
O coração navega de lembranças
no mesmo barco em que sulcara sonhos

A atonia das horas arrastadas
desenha aos poucos um cansaço estéril
na paisagem salpicada em reticências

...e a alma vai alinhavando de silêncios
esses restos de tarde debruçados
no peitoral da saudade de outros tempos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes

Mais histórias de Ariranha

Chico Mola, nascido e batizado como Francisco José da Cruz, era o mais velho dos sete irmãos. Nega Tereza era mulher de fibra, quando o safado do Oscarlino se engraçou com a mulatinha Zuza, que lavava roupa na barranca do rio, coxas grossas, a paixão desvaiada mudou a vida da família. Nega Tereza, cheia de razão, colocou os dois desavergonhados para correr. Ficou a criançada, uma escadinha de sorrisos fáceis, alvos, barriga vazia, se não fosse a ajuda do padre e dos vizinhos todos estariam na cova. Nega Tereza passou a fazer de tudo, faxina, à noite ajudava na cozinha de um bar e restaurante, lá ela ganhava um pouco mais de comida para levar aos famintos bacuris. Como na vida tudo se ajeita, o tempo vai curando feridas, consertando estragos, André Maquinista arrumou um emprego para Chico Mola. Ajudante de cozinha no vagão restaurante. Com a prática de quem servia mais seis irmãos enquanto a mãe trabalhava fora, logo Chico Mola tornou-se elemento fundamental na cozinha do vagão restaurante. O que matava era o calor, o uniforme, tudo isso naquele cubículo, com fogão quente. Os passageiros queriam ser bem servidos, aproveitarem da vista que o vagão oferecia, um ou outro tomava um chope sentado em uma das banquetas, e logo saía. Filé com fritas, feito pelo Chico Mola era o prato sem concorrência. Uma noite escaldante, o trem deslizava enquanto os passageiros sentados em uma mesinha, bebericando um vinho, lendo “O Cruzeiro”, ou discutindo a bolsa do café. Chico Mola não aguentou mais, tirou o jaleco branco e ficou de camiseta regata. Desse dia em diante era assim que ele passou a cozinhar. Com uma toalha enrolada no pescoço limpava a frente do suor. Francisco Aragão Menezes era um jovem, filho de afamado cafeicultor. Era sujeitinho intragável. Possuía uma caderneta que levava no bolso, com endereços das mariposas de plantão, que o atendiam com muito amor ao recheio da sua carteira. Nariz arrebitado, usava uma bengala mais como adereço do que por necessidade, enlouquecia os alfaiates para

dar o caimento perfeito naquele corpo franzino. Cabelos impecáveis, assentados com vaselina perfumada, era uma cópia latina de alguém que se julgava autêntico cidadão britânico, graças aos anos que lá viveu enfurnado em bordéis. Com muito custo diplomou-se, dizem até que o equivalente a muitas sacas de café foi doado para a universidade se ver livre de tal espécime. Sentado em confortável mesa, Francisco Aragão Menezes, também conhecido, sem que soubesse, por Dr. Vaselina, pede um vinho raro, Château Margaux 1900, de que por dessas coincidências incríveis existia em estoque uma única garrafa, ninguém tinha tido coragem de pagar o seu preço. Servida a bebida, a entrada, o prato principal: Filé com fritas. Um silêncio mortal reinou no vagão quando Dr. Vaselina esbravejou: "Esse filé está mal passado, o boi está quase berrando". Imediatamente, o chefe de cozinha levou o filé para que Chico Mola o deixasse no ponto. Alguns minutos depois, o impaciente Dr. Vaselina degustou o melhor filé com fritas da sua vida. Mal sabia que antes de ser levado para a chapa, Chico Mola, tinoso, tinha adicionado o suor que escorria do seu rosto ao filé mal passado. Ainda embolsou cinco mil réis como gratificação.

Causos de Ariranha (II)

Coronel Salustiano tinha terras a perder de vista. Por aquelas bandas ninguém era eleito sem a sua bênção. O homem era tão poderoso que até delegado nomeava. Ultimamente passou a achar que todo mundo cochichava a sua volta. Isso lhe foi irritando. Começou a imaginar que alguém andava tramando algo contra sua pessoa. Resolveu preparar o jipe e ir até a capital, foi trocar uma palavra com seu compadre, médico afamado, Dr. Lourenço. Será que o destino tinha sido tão vingativo? Estaria ele ficando caduco? O motorista Quixadá não abriu a boca nos mais de 200 quilômetros de viagem. Seus cabras, jagunços de confiança Cícero e Severino nem água beberam. Mais parecia um velório do que uma viagem. O Coronel preocupado. Às vezes limpava a testa de suor. Após um dedo de prosa, Coronel Salustiano desabafou com o ilustre médico. Feitos alguns exames, Dr. Lourenço desatou a rir, como nunca, até perceber

que o Coronel Salustiano por duas vezes tinha olhado no cabo de madreperla do seu Colt Cavalinho. Restabelecida a formalidade do ambiente, Dr. Lourenço deu o diagnóstico: o coronel não tinha nada de grave, estava com perda de audição, nada que uma boa lavagem auricular não resolvesse. Feito o procedimento, o Coronel Salustiano ganhou vida nova. Mas como bom sertanejo, guardou para si o ocorrido. A poucos quilômetros da sua propriedade, o Coronel mandou o motorista Quixadá parar o jipe. Abriu o capô e mandou Cícero e Severino examinarem o motor, que estava rateando. Com seu Colt Cavalinho abateu seus dois jagunços, diante do espanto de Quixadá, o Coronel disse: “Agora estou escutando muito bem, ouvi esses dois me chamando de idiota velho, filho de uma égua”.

O General Caneta

O homem era uma sumidade, tinha em sua caneta a mais terrível das armas. Diferente dos samurais que escolhiam espadas com procedência, ele apanhava a caneta mais próxima, dessas descartáveis mesmo. Tecia versos que arrebatavam os mais empedernidos corações femininos. Quando determinada dama o seduzia, não importava a sua condição social, moral, ou civil. Era presa fácil. Seus adversários conheciam seu poder, tanto que ninguém jamais se declarou seu inimigo, apenas tinham idéias divergentes. Raposas felpudas da política o mimavam. Ofereciam títulos e honrarias. Sabedor das artimanhas, sorria encabulado, até mesmo um pouco encantado com a massagem no seu ego. Como em um circo romano, o povo aplaudia, entrava em delírio, uma catarse coletiva, quando alguém entrava na mira certa do General Caneta. Com ele não havia meio termo, deixava o adversário moralmente nu, sem nenhum abrigo próximo. Uma saraivada de verdades cruzava os ares.

O mancebo que por décadas desfilara altivo na sociedade, homem probo, cidadão respeitado, marido exemplar, pai zeloso, exemplo de fé religiosa, ao lhe passar os Raios-X, General Caneta mostrava que belo lobo estava usando uma bela estola de cordeiro. Os tribunais eram a única apelação para o desesperado incauto preso na própria armadilha.

General Caneta nunca usou a pena para benefícios pecuniários. Tornara-se um anti-alfaiate da sociedade. Em nome da miséria social do país, desnudava os hipócritas, os agiotas, os mercadores da saúde, os aproveitadores da extrema miséria humana. Era feroz em particular com aqueles que se valiam de cargo público para prometerem o que jamais poderiam cumprir.

Com isso General Caneta colecionou grande número de admiradores, gente desvalida, pobres miseráveis, prostitutas, artistas, bêbados, muitos trabalhadores da classe média, todo tipo de gente que muitas vezes mesmo os pais não se importaram com eles, negros, mulatos, "gente de cor". Por esses, seus escritos eram bebidos como mel. Para os senhores da situação, era puro fel.

Como resolver tal situação?

Tinham que liquidá-lo, mas não fisicamente. Coronel Max entabulou um plano. Jamais deixaria chegar ao alcance do General Caneta algo que pudesse ser usado para escrever. Ele sabia que o mesmo não sabia datilografar. Eleição no povoado. General Caneta baixando o guatambu nos malandros de toda espécie. Coronel Max mandou adquirir toda a tinta, lápis, carvão, giz, algo que pudesse ser usado para escrever. Isso na véspera de eleição. Noite fria, expectativa para o dia seguinte, decisivo para o Coronel Max ser eleito junto com sua camarilha. Feliz, ele fuma um cubano, pensando no seu grande plano de mestre. Calara o falastrão.

Às seis horas da manhã, o povo começou a se aglomerar na porta do pequeno hotel. Uns cochichavam, outros riam a bandeiras despregadas. Em letra caprichada, escrita com fezes, no muro do único hotel da localidade, todos podiam ler:

"Matéria prima que compõe Max Oliveira".

Mais uma vez General Caneta vencera.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI

Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

Amor de Estação

Nas caminhadas matinais, Rosana passa com frequência perto daquela escola. Lá está, em lugar de destaque, o casal de namorados. Ficam próximos à calçada da rua movimentada, perto da mureta, junto ao gramado verde, onde estudantes fazem rodinhas e pais aguardam a saída dos filhos.

Indiferentes ao bulício do local, trocam doces afagos. A moça se recosta no rapaz alto e esguio. Dá pra notar a felicidade estampada em seus semblantes. Rosana os conhece há bom tempo. Lembra-se dela ainda menina, irrequieta, com ares de moleca, mas já irradiando frescor e beleza. Ele, menos expansivo, não se expunha em demasia. Agora, já quase adultos, não conseguem esconder a satisfação de ficarem juntos.

Mas para Rosana, “ilustre desconhecida” dos namorados e fã anônima, o namoro de ambos sofre altos e baixos. Frequentemente vê a moça com aparência triste, demonstrando ter chorado muito. Chegou a pensar que cogitam possível rompimento, e até tomou as dores da rapariga. Percebe que o rapaz em várias ocasiões é indiferente aos seus chamegos.

Felizmente nesta estação fria do ano, ela está feliz e reconfortada. Ele a agasalhou e a enfeitou como uma rainha. Escolheu a cor predileta da amada para fazer os arranjos, a qual por coincidência combina com os seus cachos de ouro; teceu ricas guirlandas douradas para cobrir sua luzidia cabeleira. Para o transeunte atento, não escapou a visão do delicado tapete verde-amarelo, que ele cuidadosamente estendeu nesse pedaço do jardim. Por todo esse aparato, Rosana até justifica sua ausência de carinhos em outras épocas. “Deve comungar a idéia do viver com intensidade o presente,” pensa enquanto caminha.

Já acabou o inverno. É hora do seu passeio diário. Ao passar à frente do local, observa-os. Ele, feio com os trajes em desalinho, ela, aparência abatida, sem a luminosidade do último encontro. Os

estudantes e pessoas desocupadas, quase esbarram neles, ao se acomodarem no muro baixo que os separam; não dão sequer importância à sorte do casal.

Nesse momento ela se volta para o lado que o sol desponta, e exhibe seu verde-esperança, deixando-se despentear pelo vento amigo. Ele, parado, sem quase se mover, parece esperar a chuva chegar para torná-lo forte, e apto para de novo florescer. Ambos, já meus amigos, a palmeira e o ipê, símbolos do eterno amor verde-amarelo, farão uma trégua nas manifestações amorosas, mas as retomarão nos próximos invernos, dando testemunho desse amor tão brasileiro!

Ciclos

Quando se relaxa, nos vêm à tona mil pensamentos. Conseguimos enxergar as coisas, pessoas, de modo mais objetivo, sem preconceitos. Até uma simples folha de frondosa árvore não passa despercebida. Vemos quando se desprende do galho e fica à mercê do vento, ora brando, ora impetuoso.

Se este é tranquilo a vemos repousar em gramados verdes luzidios, ou se a acompanhamos neste trajeto por algum espaço de tempo, observamos que lentamente resvala outros ambientes paradisíacos, experimentando alvoradas e pores de sóis dourados.

Mas essa trajetória é rápida e dura às vezes minutos, até segundos. Quando menos esperamos a minúscula folha desaparece dos nossos olhos atentos.

Porém, sabemos que ela segue o seu destino, desvendando novos mundos cheios de mistérios, sempre quebrando o silêncio com seu hino de amor e louvor ao Criador.

Nossa trajetória humana se assemelha à folha levada pelas brisas. Em algumas ocasiões estas são amenas, em outras são acompanhadas de redemoinhos, deixando-nos agitados e confusos. Mas, felizmente estas últimas são passageiras e logo cessam, permitindo que se delineiem novos horizontes límpidos e azuis. Então a vida brota com mais vibração e encanto.

E o ciclo da vida continua...

Frieza

Seu ar indiferente,
 displicente
reflete opacidade,
 cumplicidade.

Seu olhar mórbido,
 gélido,
impregnado de insipidez,
 altivez.

Só nos faz ter piedade,
apesar de tanta maldade!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI
Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Um estranhável conselho

Carnaval vem, Carnaval vai. A vida passa, nascem e morrem novos seres humanos, sucedem-se governos, mudam-se os legislativos, as nações fazem guerras e assinam a Paz, os astros prosseguem em suas órbitas celestiais, casa-se e divorcia-se, as gerações de acendem e se apagam, tudo porque é razão do tempo, tudo porque está traçado pelos desígnios da vida. Só Deus não muda.

E se Deus é imutável, imutáveis são seus mandamentos. Imutável é a moral, imutável é o pecado, imutável é a recompensa do Céu, imutável o castigo do Inferno.

O pecado, isto é, a transgressão ou desobediência aos mandamentos divinos, tem o mesmo conceito estabelecido desde o Éden, refugado por nossos primeiros pais, até hoje. É sempre ofensa grave a Deus, repudiada pela Fé, pelas religiões, pelas Igrejas, pelos homens e mulheres de Bem. Nunca por qualquer coisa ou causa humanas, a coisa e a causa divinas poderão ser colocadas por baixo daquelas, poderão servir de justificativa para se ignorar a moral, ignorar o bom, ignorar a criatura as determinações eternas do Criador.

O Carnaval, embora não se insira como pecado, é, contudo, uma grande ocasião de pecado. Em seu nome e por seu motivo, praticam-se as maiores infrações à Lei de Deus, entre as quais pontificam as provenientes do sexo, da luxúria, da carne, como o próprio nome indica: Carne... val: exaltação da carne.

Ninguém ignora que durante os três dias de enaltecimento à parte carnal do ente homem, os instintos (de modo mais intenso e representativo, os sexuais) são acirrados, usados e abusados por qualquer dos sexos humanos, masculino ou feminino. Concorrem assim para o pecado do desvirginamento, da traição conjugal e, de modo especial, da gravidez precoce ou não desejada, resultados estes que, embora de consequências irrefutáveis, não são bem recebidos pela turbamulta que forma as legiões carnavalescas, quer disfilando pelas ruas, quer acoitadas no recesso dos salões ou na expansão das

praias. E aí, como âncora salvadora, inventou-se o uso do condom, com a desculpa primeira de que é para evitar doenças venéreas, mas é fácil se acreditar que é para se resguardarem: a mulher, de uma gravidez extraconjugal; o homem, de uma paternidade fora de casa, denunciadora de um relacionamento pecaminoso e condenável.

Dito isto, vamos ao que denuncia o título deste trabalho: “um estranhável conselho”. Provém ele de um de nossos poderes públicos – o Legislativo – e foi publicado dias seguidos nos jornais da cidade, como informação e letras em destaque – negrito – dizendo: “Neste Carnaval, faça sexo seguro – Use camisinha”. Do fraseado se deduz indubitavelmente que o sexo é o principal do Carnaval.

Cordões, fantasias, máscaras, vestimentas, carros alegóricos, hinos e músicas, saracoteios, bailados, conjuntos, nada significa para aquele conselho, pois o que vale “neste Carnaval” é o “sexo seguro”, garantido por essa mundial inimiga da reprodução da espécie humana (e não doenças), a camisinha.

Achei infeliz e fora de propósito a recomendação ser feita por um poder legislativo, pois implica, como disse eu, em profundos conceitos de moral, de religião, de medicina, de socialismo, de consciência, todos envolvidos nessa angustiada falência terrível para a qual caminha a humanidade, que não quer mais assumir o direito de nascer e de viver de novos seres humanos, num gesto de egoísmo infernal, pois o aumento da espécie humana apavora os observadores, as autoridades, os escritores, os poetas, os países ricos e pobres. E como medida salvadora oferecem o preservativo, processo diabólico que responde plenamente a esses propósitos de extinção da espécie humana.

Carnaval já divertiu muito, já foi bonito, já festejou deveras. Hoje, entretanto, graças aos errôneos conceitos que o modificaram, inseriu-se nele o pecado, a imoralidade, a irresponsabilidade social, religiosa e mexeu com a intangibilidade da consciência. Vale tudo, então, a ponto de provocar a manifestação acima referida, que nos dá a entender que o principal da festa é mesmo o sexo.

Despedida

(Premiada em 2º lugar em concurso da Itália)

Quando entardece a vida e um sol pobre e enfermiço
diz adeuses ao sonho e aos encantos do amor,
eu me ponho a chorar (chorar por causa disso?)
porque as sombras já vêm, põe-se em fuga o calor.

Onde está tudo quanto, envolvido em feitiço,
foi um tesouro imenso espargindo luzor?
O passado interrogo e as saudades atijo,
tudo em vão...tudo em vão...Vem da noite o pavor!

Tarde minha que vens, frigidamente triste,
és, suponho, e talvez, gesto de despedida,
um anseio final que ainda em mim persiste.

Eu sei que levas junto, inteira, a minha vida,
és dolorido adeus a que ninguém resiste,
és despedida, sim... Então, adeus, querida!

Amo a luz

Amo o dia, amo o sol, amo o infinito,
Que nos dão o milagre astral da luz.
Em cuja tela Deus deixou escrito
O caminho que a Ele nos conduz.

Nesta terra vive o homem qual proscrito,
Ao seu mísero olhar tudo reluz.
Para mim quanto mais o espaço fito,
Mais sinto que o infinito me seduz.

É uma graça suprema, é o Céu que baixa,
Envolvendo a alma humana em santa faixa
Do seu Amor divino e celestial.

Amo a Luz Infinita, a Luz Divina
– o milagre que a todos ilumina
– A espada que dissipa todo mal.

Cicatrizes

(inspirada em e-mail enviado por Ivana de Negri)

O mundo é todo cheio de infelizes,
Atacados de dor e de maldade.
Mas também outros há muito felizes
Cultivando lembranças e saudade.

Em muitos corações há cicatrizes
Vindas de sonhos, de infelicidade.
Em muita vida entanto vi raízes
De muito amor, de amor em quantidade.

A cada passo, em cada olhar humano,
Em cada rosto, um misterioso arcano,
Cada sorriso sufocando a dor,

Vejo que existe um pouco de ventura,
Coragem de viver que mais se apura
Em busca de ser bom, e todo amor.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

Amor na tarde

Apesar de escondida num canto qualquer da vida, havia ali sem dúvida nenhuma, um soluço reprimido e uma solidão doída que gritava baixinho e talvez por isso não conseguisse ser ouvida.

No entanto, num lindo dia, mais precisamente um fim de tarde do último dia de um quente janeiro houve um grito para chamar a atenção de alguém do outro lado da rua. Alguém que requisitava um encontro profissional, já que essa parecia ser a intenção de um ente solitário a procura quem sabe, de uma orientação, ou apenas um olhar dirigido ou um ombro amigo cujos braços pudessem agasalhar aquela solidão sofrida, que já se fazia aparecer para enfraquecer e atormentar.

Encontro marcado, medo de chegar o momento... Novo encontro, confusão dela para explicar o que queria, e a inquietude do interlocutor que apenas ouvia... Após, doçura em suas palavras e uma interrogação no seu olhar penetrante que, ela soube depois, ambicionava beijar sua boca ou tomá-la nos braços, talvez para sempre... Encontro de “almas gêmeas” desse “amor na tarde” que nenhum dos dois soube até hoje explicar.

Aconteceu a primeira caminhada juntos, cuja surpresa ao final foi um longo beijo inesperado e não premeditado que até hoje, não há como saber quem tomou a iniciativa nesta linda história de amor: se ele que estaria se apaixonando por ela, ou ela que, de alguma forma, não entendia ainda aquela necessidade de vê-lo, encontrá-lo e estar enfim com ele para abrir o coração, encontrar um apoio, um amigo, ou querer ser amada de novo... Ela não sabia explicar... Ele queria saber... Importou o beijo colado e demorado, que aconteceu revestido já de grande estremecimento, ternura e sentimento. Foram duas bocas que se encontraram numa magia e doçura inexplicáveis.

Logo depois, quando uma linda lua cheia apareceu no céu

houve o primeiro encontro, agora, já de namorados. Pedro não mais resistiu e tomou-a em um abraço louco de expectativa e emoção incontrolável! Os braços que a seguravam eram fortes e as palavras sussurradas eram belas, suaves e apaixonadas, ansiosas, o que fez Marília perceber e sorrir: naquele momento ela esquecerera completamente da lua que era linda e cheia, pois apenas seus olhos se encontraram e não mais queriam deixar de se olhar...

Havia acontecido um amor verdadeiro que não teria mais condição de permanecer ignorado.... Havia despertado naquele instante, um “amor adormecido”... E um “novo amor” havia começado ali... Um “amor na tarde” de dois seres maduros, cabelos já prateados pelo tempo, caminhantes antigos das agruras da vida e conhecedores de tantas dores, perdas irreparáveis e penas tão dolorosas, mas que não caberiam jamais nos sonhos dos mais jovens e inexperientes... Um “amor forte e grandioso”, porém, como seus próprios protagonistas não imaginavam poder conhecer, nem muito menos sentir e usufruir. Um “amor perfeito” poder-se-ia concluir, ou uma “obra prima”, como defenderia Padre Charbonneau em um de seus belos trabalhos, numa de suas frases profetizadas a fim de enfatizar o valor incomensurável desse sentimento, onde nada mais caberia a não ser uma miraculosa perfeição.

E assim, de mãos dadas em suas vidas, dois seres apaixonados vão caminhando em busca do sol de cada dia, valorizando cada respirar e cada passo, olhos, ouvidos e palavras que se tornam encantadas na colheita do “amanhecer e do anoitecer”, na certeza de que, somente aquele que muito amou e foi amado, poderia conhecer um “grande amor novamente”. Sobretudo agora para eles, quando a “tarde” da vida lhes dá a certeza da grandiosidade do milagre de mais um dia juntos, ao encontro do paraíso perfeito.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI

Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

Idade

Você me lembra
os anos sessenta
a juventude saindo pelos poros
a vida e seu futuro

Você me reporta
ao sonho do passado
à calça boca de sino
e um colar de couro

Você me inspira
a lua mais bela
a noite sem medos
e a canção infinita

John Lennon existia
o mundo trepidava
– Do you wanna dance?

E num baile
cuba-libre
éramos livres
para praticar a esperança

Você me tomou
em seus braços
e éramos feitos
da mesma matéria dos sonhos

Matéria frágil
– este lado virado para cima
– cuidado!

Soltei sua mão
e me perdi pelo salão

Eu queria
plantar uma árvore
escrever um livro
ter um filho

A árvore não vingou
meu livro encalhou por aí
– só as filhas brilham

Envelheci na cidade
– feliz aniversário para mim
que já não tenho idade

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI**

Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Poema de verão

No fino espaço da luz eu me estreito e passo.
Das flores tiro as cores sempre tão lindas e as pétalas tão perfumadas...

Da doçura das coisas doces divido um pouco os sonhos

que tenho das minhas fantasias e aproveito para tirar delas o
amargor dos dias reais.

Afinal o que seria de nós sem nosso jogo de cintura,

sem as músicas para dançar e o mar para nos inspirar,
sem a lua para iluminar mentes e corações...

O que seria de nós, enfim, sem o pôr do sol e o novo amanhecer?...

Primavera 1

A vida é uma inesperada surpresa
Uma poesia onde não são nossas mãos o que a conduz
Mas, são por elas que podemos agarrar,
E segurar a mão do outro,
Acariciar o rosto da pessoa amada,
E enxugar as lágrimas deles e a nossas.

A vida é esperada
Como uma rima sem prosa,
Um canto do sabiá
Que nos acorda numa manhã cinzenta,
Que toca a nossa porta sem pedir licença,
Mas que traz a surpresa de que tudo poderá ser diferente
(Ou não...).

Primavera 2

A vida é um grande amor
Um amor eterno entre pessoas
Que vieram parar aqui sem saber de onde vieram,
E para onde irão.

A vida, enfim, é a vida que levamos,
Que choramos e sorrimos,
Mas que somente sobrevive
Porque amamos.

Primavera 3

A primavera sempre abre meu coração.
Na verdade ele adormece,
E acorda com as flores ao florescer,
Algo mágico que em setembro acontece,
Que muda as cores de lugar
Acalma a paixão do verão,
Adoece com as perdas das folhas no outono,
E dá lugar à nostalgia do inverno.

A primavera me pega de surpresa.
Assim como já me pegou o fim do verão
Chorou no outono,
E adoeceu no inverno.

Mesmo que sejam clichês,
Não importa.
Importa a joaninha que vejo
Na minha janela,
E a torrada que acabou de queimar no fogão...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

A difícil tarefa de escrever

Escrever é um ato sério. A passividade de uma folha em branco esconde armadilhas e comprometimentos. O que se fala é efêmero, mas aquilo que se imprime e se fixa exige reflexão, ponderação, cuidado, sobretudo conhecimento e apuro. O dever de informação e formação do escriba é vário em todas suas modalidades e não pode ser prejudicado pelo sectarismo – uma forma intransigente e apaixonada de dizer as coisas como se estas fossem certas e infalíveis, isto em se tratando de jornalismo. Ninguém é dono da verdade, contudo, podemos esforçar-nos para aproximar-nos quanto mais da veracidade que se constrói no repúdio a toda forma duvidosa, em que as fontes possam ser falsas ou mentirosas.

O trabalho de quem escreve é silencioso, sofrido e obscuro, nem sempre valorizado devidamente, tratando-se do escritor ficcionista e criador; são pequenas as consolações, exceto aquelas, parafraseando o poeta, anônimas e sem raízes, recebidas como bênçãos, “um repouso ao cansaço, um pouco de modéstia aos mais felizes, um pouco de bondade aos mais perversos.”

Nos tempos que correm, o texto da era digital é veloz, cria cenários de comunicação planetária, uma revolução que muitos chegam a considerar como a morte da palavra escrita, e consequentemente o fim da arte literária. Em meio a esta revolução, surgem fatores desgastantes em detrimento do que se poderia considerar uma preocupação maior e mais cuidadosa para com a comunicação escrita. O descaso com a língua e a sintaxe, o estilo e a forma, uma superficialidade sustentada e revigorada pela tecnologia fácil, criou uma improvisação que ameaça desbancar o esmero, o cuidado e o esforço dos bons esgrimistas da palavra e as características indispensáveis do verdadeiro escritor. Para tudo, é necessário o preparo, o embasamento da leitura e do conhecimento e, logicamente, o talento. Acredito, contudo, que essa fase terá um fim, a bem de uma sobrevivência que, forçosamente, vai acontecer.

Expressando suas experiências e introspecções, dentro de seu próprio mundo, o bom escritor tem uma responsabilidade social, imposta pela qualidade inata da inteligência e do engenho natural. No ambiente onde vive, dentro de sua comunidade, sua tarefa é a de entregar a realidade nas mãos dos leitores.

Neste terceiro milênio, à sombra de todas as convulsões ocorridas no século passado, que muitos consideram o pior de todos os que o precederam no terreno da violência, das guerras, das lutas de classes e conflitos raciais, dos desregramentos morais e sexuais, sobretudo do materialismo sem Deus e contra Deus, as conquistas tecnológicas e científicas, estranho paradoxo, levaram o ser humano a regredir no terreno espiritual. Homens e mulheres desarmonizaram-se interiormente, sem saber o que fazer de si mesmos. Rompendo o próprio equilíbrio, romperam-se em consequência o equilíbrio ecológico e a estrutura da sobrevivência no planeta.

O gosto pela boa leitura, o aprofundamento, o mergulho no vastíssimo oceano das ideias e da reflexão que tantos benefícios podem trazer ao conhecimento humano e aos relacionamentos, aprimorando o comportamento subjetivo e, conseqüentemente, a contribuição qualitativa exterior, vêm cedendo espaços para a superficialidade medíocre. Os bons escritores escasseiam e já integram o quadro das exceções.

Por toda essa desordem, temos de admitir, somos responsáveis, estamos no mesmo barco e com ele afundaremos ou emergiremos.

E o escritor? Deverá ele alienar-se e retirar-se, ou ainda restringir-se e comunicar ao mundo somente o lado amargo, cruel e triste de suas observações e experiências? Ou procurar suavizar a realidade, dourando-a com o tênue manto do sonho, da beleza e da fantasia? E no terreno mais doméstico, dentro de suas pequenas fronteiras, no restrito raio de alcance de seu trabalho inglório e de resultados tão relativos neste país tão dividido, em que o humilde escriba do interior representa tão pouco ou quase nada, sem apoio ou incentivo, deverá ele insistir ou fugir? Cremos sinceramente que não.

Uma vez que as distâncias se encurtaram e as preocupações passaram a ser igualmente comuns; uma vez que a reciprocidade se tornou mais próxima e possível pelos meios de comunicação, é dever continuar e contribuir com a pequenina parcela que lhe cabe.

A literatura sempre será o instrumento mais sensível a serviço da criatura humana, além de ser um fator de unidade e ajuda

recíproca. Em contato com os acontecimentos mais próximos e nessa mútua relação, a voz do escritor no seu idioma nativo deverá ser a força que agrega, une e preserva o espírito de uma comunidade, de uma nação. Partindo das próprias experiências e identificações, e devagar, se começa a trazer na própria direção o que acontece pelo mundo.

Poetas, ficcionistas, jornalistas, historiadores e pensadores, quem senão estes, providos de sensibilidade e daquela indefinível chama de sensação intuitiva aliada à competência, poderiam ser melhores vigilantes da vida que pulsa ao redor, com toda sua pungência, seus acertos e fracassos, decepções e desencontros, com toda sua maravilhosa e doce utopia? Com toda sua memória preciosa e indispensável para ser legada aos jovens e servir de arrimo aos mais velhos?

O escritor é a testemunha de seu tempo. Pequeno ou grande, ousado ou tímido, na primeira frente ou na retaguarda, não importa. Com ímpeto ou doçura, carregando nas tintas ou suavizando-as, usando a palavra de forma envolvente e musical, ou tonitroando-a como imprecação, criando e dando vida eterna aos arquétipos imortais de tantas obras-primas, capazes das revoluções da alma e do mundo, plenas de um conteúdo inovador ou transformador – eis a força da palavra que nenhum computador e nenhuma revolução digital poderá substituir com igual amplitude, benefício e confiabilidade.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Acordem seus instrumentos

Cantadores do amor,
Menestréis de hoje em dia,
Redescubram seu valor,
Lutem pela harmonia.

O povo cansado anda,
De guerras e sons de tambores,
Vamos restaurar a banda,
Criando novos valores.

Acordem seus instrumentos,
Que há muito dormindo estão.
Recriem novos momentos,
Descubram a ocasião.

Unidos destruirão,
As coisas tristes que vejo,
Notícias de rebelião,
E guerra que não almejo.

Todos juntos seresteiros,
Com o avanço dos tempos.
Voltem a ser os violeiros,
Descubram novos talentos.

Deem vida novamente
Às notas mortas – papel
E reguem tal qual semente
Seus pedacinhos de céu.

Partituras nas gavetas,
Amareladas, doentias,
Serão como estafetas
Com mensagem de poesias.

Menestréis e seresteiros
Acordem seu instrumento,
Os últimos e os pioneiros
Tocarão num só momento.

Não teça conjecturas antes do diálogo, pois o resultado pode ser desastroso

Vou aqui reescrever uma história ou estória que ouvi há muitos anos, desconheço o autor mas sei que é de domínio público pois me passada oralmente deste a minha longínqua infância.

Um motorista levou seu carro para lavar, por algum problema qualquer o lavador do carro não voltou ao porta-malas o macaco.

Sem se dar conta deste fato o motorista viaja por uma estrada rural.

Já tarde da noite, fura um pneu. Quando o motorista vai trocar o pneu não encontra o macaco. Nervoso, preocupado, sem saber o que fazer olha e vê ao longe uma casa com as luzes acesas e um caminhão na porta, então pensa:

— Bom, se a luz está acesa, provavelmente os moradores ainda estão acordados, se há caminhão, há macaco. Vou até lá e peço emprestado o macaco.

Assim pensando pôs-se a caminhar até chegar a casa, mas durante o trajeto foi fazendo as conjecturas e dialogando mentalmente com o morador:

— Por favor, meu senhor, pode me emprestar um macaco?

— Como? O senhor sabe que horas são? Vem nos acordar para pedir um macaco emprestado?

— Desculpe-me senhor, é que estou sem macaco na estrada com um pneu furado e eu vi a luz acesa achei que o senhor estava acordado, e vi também o caminhão na porta e tive certeza que teria um macaco para me emprestar.

_ Que irresponsável é o senhor, sai na estrada à noite sem macaco, precisa planejar melhor sua vida...

_ Não é, sabe, é que levei o carro para lavar e não voltaram o meu macaco para o porta-malas.

A essa altura dos acontecimentos ele havia chegado à porta da residência e batendo na porta foi atendido por um senhor simples que lhe disse:

_ Boa noite, quem é, o que deseja?

Com a cabeça fervendo com conjecturas desastrosas, o motorista responde:

_ Enfie o seu macaco onde você quiser..."

Às vezes fazemos isso com as pessoas em geral e especialmente com os educandos.

Aprender a ouvir, ouvir as pessoas, especialmente ouvir os educandos é o caminho mais curto para compreensão, para o diálogo e para o entendimento, percorrendo mais rapidamente o longo caminho entre a teoria e a prática.

Riquezas contidas na mente de um educador responsável como: entusiasmo, amor, alegria, paz, compromisso, união, ação, respeito precisam ser trabalhadas...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO
Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Laços de família e saudade

Recentemente perdemos uma pessoa muito querida de minha família – o tio José. Com a sua partida, refletindo sobre a vida e a morte, pude concluir o quanto privilegiada sou por fazer parte dessa família.

Talvez por terem perdido o pai muito cedo, meu pai e seus irmãos – nove ao todo, educados pela mãe viúva – sempre foram muito unidos. Por circunstâncias da vida, os que se afastaram da família, sempre se encontravam nos bons momentos e nos momentos difíceis.

Impossível esquecer os natais de minha infância, onde todos os irmãos e suas famílias se reuniam em meio a muita alegria, mesa farta e presentes para toda a criançada, em casa de nossa avó e, após sua morte, em casa da irmã mais velha, nossa querida tia Olivia. Após sua morte, as reuniões da família passaram a ser em casa do tio José, nos últimos mais de trinta anos.

Crescemos todos nós, filhos e sobrinhos, nessa família, na verdade, não como primos, mas como irmãos.

Quando o meu pai – Dante – o primeiro dos nove irmãos, partiu deste mundo, os outros, nossos tios, nos assumiram, a mim e minhas irmãs, como filhas, e nossa mãe como irmã. Não saberia dizer qual deles foi mais carinhoso, amigo, presente, em nossa vida.

Assim, a vida foi seguindo; outros tios foram partindo e os que ficavam abraçavam a família do irmão ausente como sua.

Até que nos restou só um – o tio José. Nunca faltou a nenhum de seus sobrinhos, sobrinhos-netos, seu apoio, seu carinho, sua presença sempre alegre e brincalhona. Era mesmo, nosso “tio-pai”.

Com sua partida, não apenas seu único filho e seu único neto, mas, todos nós, ficamos órfãos – definitivamente.

O exemplo de todos eles, do carinho, da união em família é nossa maior herança.

Refletindo sobre a família, não dá para não comparar com muitas famílias de hoje, onde pais e filhos mal se falam, primos,

tios, sobrinhos se tratam como estranhos, onde o carinho, a amizade, o respeito nem existem mais.

Não que minha família fosse perfeita. Havia, e sempre haverá desentendimentos, rugas que logo passavam e passarão. Jamais houve agressões físicas, violência, mortes, como se vê nos dias de hoje. É chocante, para minha família toda, ler nos noticiários, frequentemente, filhos matando pais, irmãos se matando, pai matando filhos, enfim, toda essa violência gerada dentro dos próprios lares – numa total falta de AMOR.

Portanto, o que nos conforta a todos é saber que os laços de família, tecidos com muito amor, amizade e respeito existirão para sempre entre todos nós.

E que, em algum lugar do infinito, junto de Deus, todos eles, nossos avós, pais e tios estarão felizes, olhando por nós.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

Fatos e curiosidades de nossa Academia

Em 1975, tendo como Editor e Coordenador Geral o Sr. Antônio da Costa Barros, contando como assessores de história os Professores Guilherme Vitti e Leandro Guerrini e mais duas dezenas de colaboradores, impresso pela Editora Aloisi, foi publicado com o título de “Piracicaba – Noiva da Colina” um interessante trabalho com trezentos e quarenta páginas, fartamente ilustrado, tudo em verde (não entendi até hoje a razão desta apresentação monocromática).

A Academia Piracicabana de Letras foi incluída nas páginas 186, 187 e 188, com quatro fotos e o seguinte texto, interessante e curioso:

“Foi elaborada no correr do ano de 1971. Instalada em 11 de março de 1972.

De Academia só tem o nome. É um Centro Internacional de Intercâmbio Cultural em todas as suas manifestações.

Participam da mesma ambos os sexos. Não há membros correspondentes. Todos titulares, tanto os brasileiros quanto os estrangeiros.

Os patronos podem ser homens e mulheres. Não precisam estar ligados às Letras. Porém, à Cultura em geral. Desse modo há patronos(as) vivos(as) mortos(as).

O titular pode ser patrono. Exemplos: Alceu Maynard Araújo tinha como patrono Cornélio Pires. E era ele patrono de José Alves de Figueiredo Filho, de Crato, no Ceará; José Rodrigues de Arruda (Anísio Ferraz Godinho) é patrono de Laudelina Cotrim de Castro; Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, de Petrópolis, tem como patrona a sua esposa Lastênia Senno de Albuquerque Lima. E ele é patrono de Ramiro Frota Barcelos, Presidente da Academia Riograndense de Letras etc...

Não há compromissos financeiros por parte dos titulares nem dos patronos. Todas as despesas correm por conta do presidente.

As posses são coletivas quando se entrega aos Patronos o Certificado, que o reconhece como tal, e assim se procede com os titulares que se

fizerem presentes às Sessões Magnas, de que já se concretizaram cinco (5), desde a sua instalação.

Os patronos e os seus ocupantes não gozam de perpetuidade, isto é: com a morte de seu ocupante, automaticamente cessa o patronato. Exemplo em que o patrono permaneceu: Alceu Maynard de Araújo foi patrono de José Alves de Figueiredo Filho. Ambos morreram. A nova titular Neide Keiko Nakamura reescolheu Alceu Maynard Araújo.

Como se percebe, não há número fixo de cadeiras, não havendo, em consequência, a burguesa imortalidade.

Afora as Sessões Magnas – a Academia Piracicabana de Letras já lançou em noites de autógrafos dois (2) livros em São Paulo; sete (7) em Piracicaba.

A Academia jamais pleiteou auxílios ou subvenções oficiais, ou mesmo de particulares.

Não possui fardões, nem medalhas, apenas os Certificados para os patronos vivos, ou aos familiares dos falecidos e para os ocupantes.

Em suas Sessões Magnas recebeu as colaborações do Conjunto Coral “São Luiz”; da Banda da Guarda Mirim; da Banda da Guarda Municipal; do conjunto Musical “Os Vigilantes”, todos de Piracicaba.

O titular ao empossar-se é apresentado, em improviso, através de uma micro biobibliografia e com destaque aos dados de seu patrono. Não há agradecimentos de praxe.

O titular assina o Termo de Posse e, antes, já o fizera no Livro de Presenças, trabalhos de que se encarregam o Secretário e o Relações Públicas.

Os titulares são globalmente convocados para se porem em uma ala especial; os patronos vão à mesa dos trabalhos, que não é dirigida pelo presidente, que exerce as funções de coordenador e executivo.

Entre 120 membros há 40 mulheres; pertencem a 43 cidades e 12 Estados brasileiros. Quase todas as profissões estão, também, representadas na Academia Piracicabana de Letras, além das mais diversas posições políticas, credos, cultos, religiões, filosofias etc.”

João Chiarini, como um dos homenageados na citada Obra histórica, na página 7, ilustrada com uma foto em sua residência, recebe o seguinte texto: “É caipiracicabano de 17/11/1919. Confessa-o, sempre, que está na juventude. É professor e leciona Folclore Brasileiro na Faculdade “Auxilium” de Filosofia de Lins e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí, SP. É catedrático do Conservatório Dramático

e Musical de Piracicaba. Jornalista profissional desde 1941; conferencista; polemista; presidente do Centro de Folclore de Piracicaba desde 1945; da Academia Piracicabana de Letras (1972); da Colônia de Pescadores Z.20 (1952); advogado. É o maior "mala língua" de Piracicaba. Crítico violento. Não tem medo de rebuços nem de desafios. Sua paixão é sua "pequenina" biblioteca. É o caipiracicabano mais procurado pelos intelectuais que aqui aportam. É o mais conhecido entre todos no Brasil e no exterior. Suas cartas são colecionadas pelos que as recebem".

Reproduzir e divulgar este texto através da Revista da própria Academia representa, em meu entendimento, uma volta ao passado que é bem possível muitos dos piracicabanos, natos ou assim reconhecidos ou simplesmente de adoção, desconheçam.

Particularmente, não concordo com o método então implantado pelo saudoso e muito querido fundador, João Chiarini.

A atual estrutura da APL, com diretriz adequada, tem condições de continuar sua trajetória histórica, necessitando sempre, com toda a evidência, de adaptações e retoques para seu aperfeiçoamento.

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO

• O livro infantil “Quatro Contos em Quatro Cantos”, de autoria das Acadêmicas Ivana França de Negri, Carmen Pilotto, Leda Coletti e Maria Emília Redi ganhou patrocínio da FEALQ para uma edição em braille pela gráfica Pró Braille, e do Hospital Oftalmológico e Centro de Reabilitação Pró Visão de São Paulo. Já está na editora para impressão e o lançamento deverá ocorrer em setembro.

• A Acadêmica Emérita Profa. Marly Mutschele, que durante muitos anos lecionou na Universidade São Marcos e atualmente o faz no Complexo Educacional FMU, lançou em São Paulo, no dia 23 de março, na Livraria Martins Fontes, o livro “Ensino Religioso – Interpretação jurídica e prática pedagógica”, que escreveu em parceria com o jurista Ofir Avalone Filho. A autora é natural de Piracicaba e tomou posse na APL ainda em tempos do Prof. João Chiarini.

• Dois acadêmicos foram premiados no quinto concurso do Projeto Trovas para uma Vida Melhor, sobre Justiça: André Bueno Oliveira e Leda Coletti, respectivamente 2º. e 3º. classificados, no Grupo I (Categoria Nacional).

• A Acadêmica Aracy Duarte Ferrari está representando a APL na comissão organizadora do Prêmio de Microcontos Humorísticos-2012, promovido pela Prefeitura Municipal no âmbito do Salão Internacional do Humor.

• O Acadêmico Cezário de Campos Ferrari foi patrono dos formandos do Curso de Administração (Faculdades Integradas Maria Imaculada) que concluíram seu curso no final de 2011 e colaram grau em fevereiro de 2012.

• A Acadêmica Ivana Maria França de Negri tem divulgado regularmente textos de sua autoria no Blog SOS Rios do Brasil, o qual é visitado por muitos internautas: <http://sosriosdobrasil.blogspot.com.br/2012/03/cantinho-literario-poesia-agua-nossa-de.html>.

• A Acadêmica Myria Machado Botelho continua seu labor jornalístico de várias décadas, agora com nova coluna fixa na “Gazeta Piracicabana”.

• O Acadêmico Armando Alexandre dos Santos travou contatos, em nome da APL, com as Academias de Letras de Santos e de Bauru, com vistas à realização de atividades conjuntas das entidades coirmãs. O mesmo acadêmico teve lançada nos Estados Unidos, pela Editora da Universidade da Califórnia (a 7ª. colocada no ranking mundial das universidades) uma obra em cuja revisão colaborou, escrevendo ainda uma de suas introduções. Trata-se do romance de cavalaria “Curial e Guelfa”, de autor anônimo do século XV, traduzido do catalão antigo para o português moderno pelo Prof. Ricardo da Costa, da Universidade Federal do Espírito Santo.

• No dia 14 de março, Dia Nacional da Poesia, os grupos literários CLIP e GOLP, do qual fazem parte diversos membros da APL, mantiveram a tradição de sair pelas ruas e praças com cestinhos, distribuindo poesias aos passantes.

O Editor pede desculpas pelas possíveis omissões involuntárias desta seção, e insiste no pedido de que os Acadêmicos o mantenham informado acerca das atividades literárias, culturais e artísticas que realizam. Se todos o fizerem, esta seção da Revista da APL poderá ser bem mais completa e corresponderá de modo adequado ao muito que realmente fazem e produzem os membros de nossa Academia.

- Gregorio Marchiori Netto – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim – Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho – Cadeira n° 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.) – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes
- Leda Coletti – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Toshio Iczuca – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Valdiza Maria Caprânico – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade



ISSN 2177-2797



9 772177 279008



EQUILIBRIO
editora